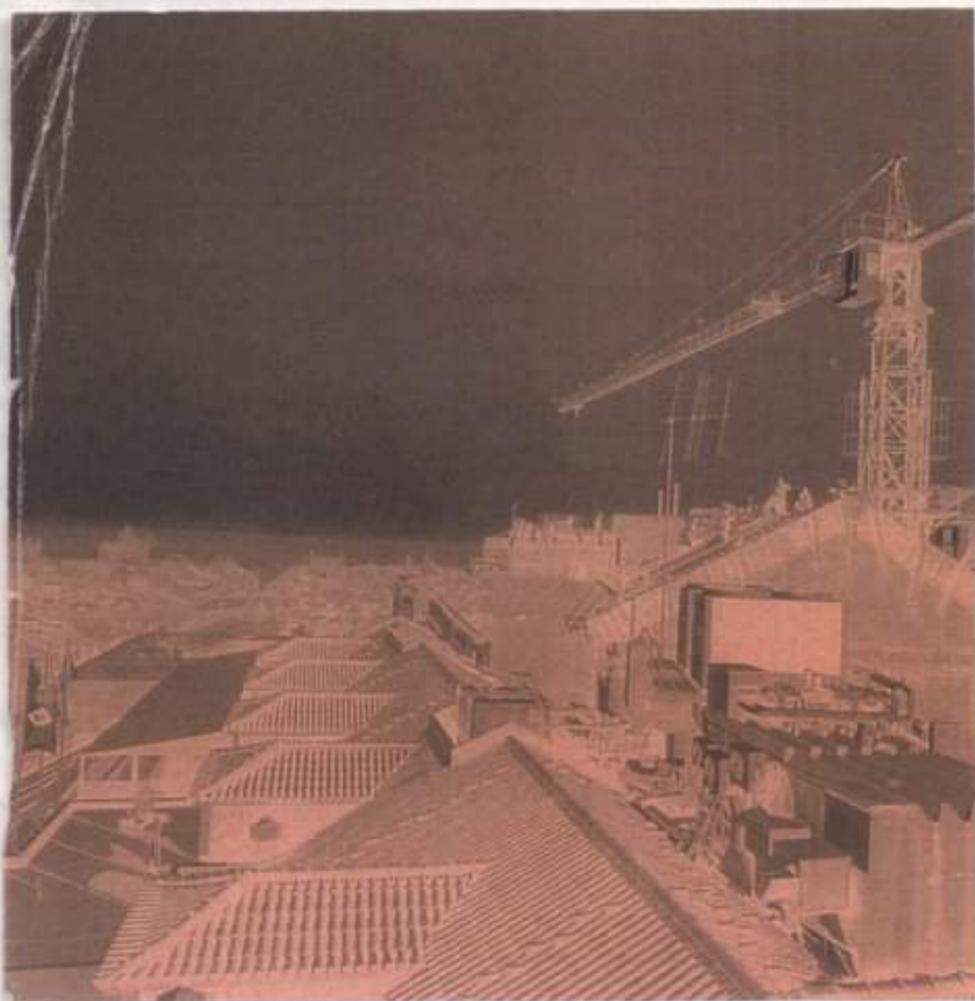


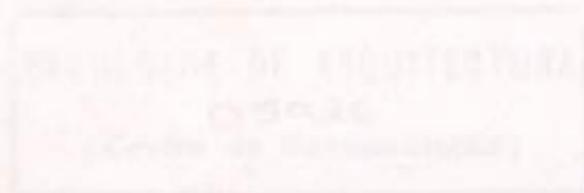
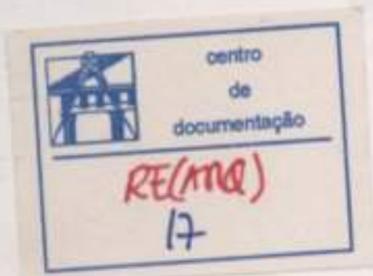
# RELATÓRIO DE ESTÁGIO



CRISTINA SERRA ESTEVES curso de Arquitectura  
Supervisor da F.A.L. – Prof. Dr. João Rosado Correia  
Orientador no Atelier – Prof. Dr. Josep Muntañola T.

UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA – FACULDADE DE ARQUITECTURA

Lisboa, 1998



**ÍNDICE**

**CAPITULO I**

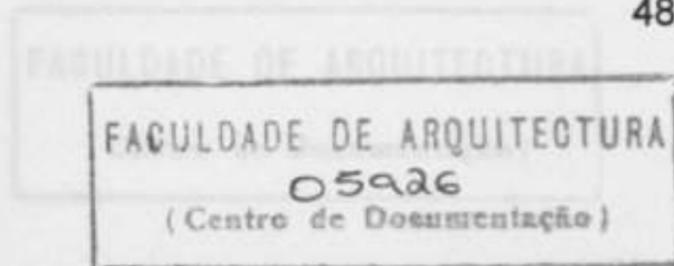
<b>1. Apresentação</b>	<b>5</b>
<b>2. Introdução</b>	<b>6</b>

**CAPITULO II**

<b>3. Recuperação de um edifício na cidade de Barcelona</b>	<b>8</b>
Fases do processo	8
Caracterização do edifício	8
Objectivos da recuperação	9
Descrição dos trabalhos	9
Conclusão	10
<b>4. Concurso para um Clube Náutico na Costa Brava Catalã</b>	<b>12</b>
Metodologia	12
Análise da envolvente	12
Análise do programa	13
Solução proposta	14
Materiais	15
Conclusão	15
<b>5. Trabalhos de investigação e análise urbana</b>	<b>17</b>
Metodologia	18
Análise de carácter histórico	19
Análise do contexto actual	21
Factores a considerar na elaboração de uma proposta	27
Conclusão	30
<b>6. Chiado – um exemplo comparativo</b>	<b>31</b>
<b>7. A intervenção em áreas históricas (abordagem teórica)</b>	<b>34</b>
A cidade	34
A arquitectura – Intervenção arquitectónica	36
A intervenção em áreas históricas	39

**CAPITULO III**

<b>8. Conclusão</b>	<b>46</b>
<b>Bibliografia</b>	<b>48</b>



## AGRADECIMENTOS

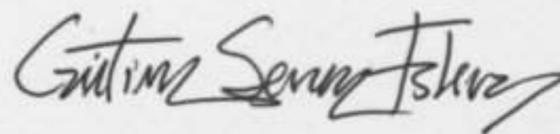
---

Agradeço ao Prof. Dr. João Rosado Correia, supervisor do relatório por parte da Faculdade de Arquitectura de Lisboa, pela sua inteira disponibilidade e por todo o apoio prestado

Agradeço ao Prof. Dr. Josep Muntañola pela orientação, pela atenção e ajuda prestadas ao longo do periodo de estágio

Agradeço à Prof. Magda Saura Carulla pela oportunidade de colaborar nos seus estudos e projectos, e pela sua enorme simpatia e disponibilidade

Agradeço aos Arqts. F. Eloy e M. Novak por toda a atenção e acompanhamento prestados



Cristina Serra Esteves

FACULDADE DE ARQUITECTURA

( Centro de Documentação )

O estágio foi efectuado no atelier dos Arquitectos Josep Muntada Thonberg e Jordi Jaurá i Canals, em Barcelona, tendo sido supervisionado pelo Prof. Dr. Ricardo Gomes, docente da Faculdade de Arquitectura de Lisboa. Abrangeu uma série de diferentes trabalhos que ao nível da temática e da metodologia atingiram, quer ao nível dos objectivos a atingir. Assim, em relação aos trabalhos ao que tribuam, podem definir-se três grupos distintos:

- Investigação e recuperação de um edifício na cidade de Barcelona

- Concurso para um Clube Náutico na Costa Brava Catalã

- Análise urbanística e arquitectónica de diferentes núcleos com valor patrimonial, incluindo alguns do Centro Antigo da cidade de Barcelona, com o objectivo de encontrar soluções para planos vigentes, datados de início dos anos 80

## 1. APRESENTAÇÃO

---

O estágio foi efetuado no atelier dos Arquitectos Josep Muntañola Thornberg e Magda Saura i Carulla, em Barcelona, tendo sido supervisionado pelo Prof. Dr. Rosado Correia, docente da Faculdade de Arquitectura de Lisboa. Abrangeu uma série de diferentes trabalhos quer ao nível da temática e da metodologia empregues, quer ao nível dos objectivos a atingir. Assim, em relação aos trabalhos em que colaborei, podem definir-se três grupos distintos:

- Reabilitação e recuperação de um edifício na cidade de Barcelona em cada caso envolvendo desde o diagnóstico inicial (análise diagnóstica e soluções) a ainda as
- Concurso para um Clube Náutico na Costa Brava Catalã em termos de opções de
- Análise urbana e arquitectónica de diferentes núcleos com valor patrimonial, incluindo o estudo do Casco Antigo da cidade de Barcelona, com o objectivo de encontrar alternativas aos planos vigentes, datados de início dos anos 80

## 2. INTRODUÇÃO

---

Como foi já referido na apresentação, o estágio compreendeu três grupos distintos de trabalhos. No capítulo II deste relatório procurarei abordar individualmente cada um destes grupos, tentando explicitar os objectivos a alcançar (e alcançados), as metodologias empregues para o conseguir e as conclusões extraídas dos diferentes processos.

Assim, o capítulo II encontra-se dividido em três partes, correspondentes aos distintos trabalhos, cada uma subdividida em: explicação do porquê do trabalho e os seus objectivos, a metodologia utilizada e a sua aplicação em cada caso (englobando fases de recolha de dados, análise, diagnóstico e solução) e ainda as conclusões respeitantes ao trabalho (nos dois primeiros em termos de opções de intervenção e no terceiro conclusões da análise urbana efectuada).

No terceiro grupo, referente à investigação e análise urbana, para além da abordagem acima descrita, pareceu-me importante fazer uma interpretação teórica acerca do tema das intervenções em áreas históricas, em continuidade com o trabalho desenvolvido sobre o Casco Antigo da cidade de Barcelona. Alguns conhecimentos adquiridos ou reinterpretados, com o decorrer do estágio, fundamentados e solidificados não só em diálogo com o arquitecto, como em bibliografia por este recomendada.

No capítulo III farei uma breve análise conclusiva ao período de estágio, aos trabalhos realizados e aos conhecimentos adquiridos.

## 3. RECUPERAÇÃO DO INTERIOR DE UM EDIFÍCIO NA CIDADE DE BARCELONA

Tratou-se de um trabalho de cariz muito prático, de recuperação e reabilitação de um edifício da finais do séc. XIX. O programa contemplava não só a recuperação, entendida aqui também como um minucioso trabalho de restauro, como a remodelação interior com readaptação a novas utilizações.

### Fases do processo

Durante a realização deste trabalho destacam-se diferentes fases de actuação:

- 1ª fase - Levantamento gráfico e diagnóstico do edifício e da área em que este estava inserido
- 2ª fase - Englobar estudos de análise dos elementos tipológicos existentes, no sentido de se definir o âmbito da intervenção
- 3ª fase - Diagnóstico da intervenção, com identificação do estado de degradação do edifício, no sentido de se estabelecerem prioridades de actuação
- 4ª fase - Redacção do plano de intervenção, em termos de projecto de arquitectura
- 5ª fase - Acompanhamento da execução em obra

### Caracterização do edifício

O edifício situa-se na rua de San Jaume (aproximadamente 1870) e localiza-se numa área bastante central na zona antiga de Barcelona – o Born. É constituído por 3 pavimentos. Embora que se destinasse exclusivamente à habitação, existe ainda um sótão para utilização das divisões interiores. Apresentava uma distribuição funcional que se organizava em que todas as áreas de serviço (cozinha, lavagens...) estavam localizadas no 1º piso, sendo o 2º e o 3º destinados às restantes áreas funcionais (salas, quartos, escritório, biblioteca...). A particularidade deste imóvel é que se não foram todas as vãos haviam sido substituídos por pórticos ocidentais datados dos sécs. XIV e XV, adquiridos em conventos e igrejas em ruína pelo proprietário anterior. Foram ainda colocadas outras peças

## CAPÍTULO II

Como parte de um trabalho de recuperação e reabilitação de um edifício de grandes proporções em pedra, e uma estrutura de ferro e vidro, coberta, que funcionava como ligação entre os dois lados mais distantes do espaço (ao

### **3. RECUPERAÇÃO DO INTERIOR DE UM EDÍFICIO NA CIDADE DE BARCELONA**

---

Tratou-se de um trabalho de cariz muito prático, de recuperação e reabilitação de um edifício de finais do séc. XIX. O programa contemplava não só a recuperação, entendida aqui também como um minucioso trabalho de restauro, como a remodelação interior com readaptação a novas utilizações.

#### **Fases do processo**

Durante a realização deste trabalho distinguiram-se diferentes fases de actuação:

- 1ª fase - Levantamento gráfico e fotográfico do edifício e da área em que este estava inserido
- 2ª fase - Englobou etapas de análise dos elementos tipológicos existentes, no sentido de se definirem critérios de intervenção
- 3ª fase - Diagnóstico da intervenção, com identificação do estado de degradação do edifício, no sentido de se estabelecerem prioridades de actuação
- 4ª fase - Realização do plano de intervenção, em termos de projecto de arquitectura
- 5ª fase - Acompanhamento dos trabalhos em obra

#### **Caracterização do edifício**

O edifício data de finais do séc. XIX (aproximadamente 1870) e localiza-se numa área bastante degradada do Casco Antigo de Barcelona – o Born. É constituído por 3 pisos+águas furtadas que se destinavam exclusivamente à habitação, existe ainda um saguão para iluminação das divisões interiores. Apresentava uma distribuição funcional algo invulgar em que todas as áreas de serviço (cozinha, lavagens...) estavam localizadas no 1º piso, sendo o 2º e o 3º destinados às restantes áreas funcionais (salas, quartos, escritório, biblioteca...). A particularidade deste imóvel é que no seu interior todos os vãos haviam sido substituídos por pórticos eclesiásticos datados dos sécs. XIV e XV, adquiridos em conventos e igrejas em ruína pelo proprietário anterior. Foram ainda colocadas outras peças como portas de diversas alturas trabalhadas em baixo relevo, um arco ogival de grandes proporções em pedra, e uma estrutura de ferro e vidro, coberta, que funcionava como ligação entre os dois lados mais distantes do saguão (ao

nível do 2º piso). As patologias encontradas deviam-se maioritariamente ao facto de o edifício se encontrar fechado há já algum tempo, e sem qualquer tipo de manutenção. Os maiores danos verificavam-se na cobertura (em ruína eminente) e nos seus elementos estruturais. Esse facto contribuía para grande numero das infiltrações interiores. A acção da água provocou danos nas paredes e nos pavimentos e tectos em madeira, assim como nos elementos metálicos exteriores (nas varandas).

### **Objectivos da recuperação**

Perante um cenário tão particular foi necessário estabelecerem-se duas estratégias de intervenção: por um lado, no exterior, encontrando-se a fachada coerente com a sua envolvente e com as normativas definidas pelo PERI relativo a esta área (*Plano Especial de Reforma Interior* – planos específicos dos diferentes bairros pertencentes ao casco antigo), só foi necessário recuperar os elementos degradados pela acção do tempo, limitando-se a intervenção a uma “limpeza facial”; no interior, foi necessário tomar uma atitude mais cuidadosa. O edifício tinha já sido alvo de uma intervenção, bastante significativa mas coerente. A força desta intervenção marcava assim, indelevelmente o imóvel. Foi tomada a decisão de intervir respeitando a acção anterior. Desta forma, efectuou-se um trabalho de recuperação dos elementos presentes, trabalho que tocava o restauro, e de pequenas alterações a nível funcional, ajustando o imóvel a novos usos.

### **Descrição dos trabalhos**

A nível estrutural foi necessário refazer a cobertura que se apresentava num estado de ruína eminente. As asnas foram substituídas e as telhas reaproveitadas na medida do possível. Efectuou-se também uma impermeabilização e um isolamento térmico.

As infiltrações e a acumulação de água e humidade no interior, provocaram uma série de patologias em todo o edifício

Os pavimentos, não sendo passíveis de recuperação em determinadas zonas, foram substituídos. Isto aconteceu, tal como a maioria das restantes patologias, particularmente nos pisos superiores.

Os acabamentos das paredes, muito afectados pela humidade, foram na sua

maioria picados e refeitos. As paredes interiores foram pintadas com tinta de água. Todas as infraestruturas eléctricas, de águas e esgotos foram totalmente removidas, redesenhadas e reinstaladas (segundo os respectivos regulamentos de segurança e a sua actual utilização).

As caixilharias foram mantidas e recuperadas tendo-se apenas substituído alguns elementos degradados.

A recuperação dos elementos dos sécs. XIV e XV implicou um estudo minucioso peça a peça. Nestes casos foi mesmo elaborado um fiel trabalho de restauro, tendo as pedras sido limpas e as madeiras submetidas a um tratamento anti-fungos.

Foi também necessário refazer uma escadaria interior em madeira, de ligação entre o 2º e o 3º pisos que se encontrava em elevado estado de degradação. Foram pormenorizados com desenhos minuciosos todos os degraus e respectivos encaixes, que seriam posteriormente montados no local, peça a peça. A execução deste trabalho necessitou de uma mão de obra especializada muito difícil de encontrar. Por exemplo, no caso da escadaria, todas as peças foram efectuadas em Madrid.

Como já foi referido, as instalações sanitárias foram repensadas e readaptadas, implicando a instalação de novos pontos de água e luz, assim como aconteceu na readaptação de um espaço para cozinha, ao nível do 2º piso.

### **Conclusão**

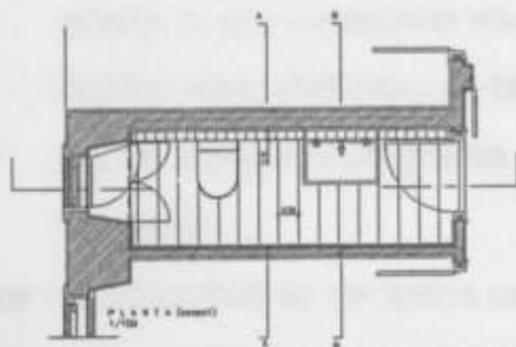
Tendo-me sido dada a oportunidade de participar activamente em todas as fases do processo, este trabalho representou uma experiência real do que até agora tinham sido exercícios académicos de projecto e recuperação. Marcou-me principalmente a última fase em que verifiquei que muitas vezes a representação gráfica do projecto, por mais completa que seja, não é suficiente para a sua execução. Pude aperceber-me da necessidade de um acompanhamento de obra no sentido de, não só conseguir fazer coincidir o projecto com a obra final, como também verificar que, em algumas situações, determinadas opções de projecto podem ser alteradas no sentido de se encontrar uma materialização mais perfeita dos objectivos iniciais. Nesta fase surgiram problemas (alguns inesperados) que foi necessário resolver com decisões rápidas e definitivas.

Foi particularmente interessante participar em todo o processo, desde a fase projectual até à sua concretização, e constatar os problemas reais que foram surgindo. Assim, com este trabalho, pude confirmar a real importância da fase

de obra e constatar que apenas através de um exaustivo acompanhamento de todas as etapas (e as suas problemáticas específicas) se consegue alcançar a solução desejada.



Diferentes vistas exteriores do edifício e da envolvente



Remodelação interior de uma das instalações sanitárias (por motivos inerentes ao atelier, não me foi possível fotocopiar mais elementos do projecto)

#### Análise de contexto

Lisboa é uma cidade de planície, essencialmente orientada para o sul, no Norte da Costa existe uma área de intervenção, localizada numa das extremidades, encontra-se uma edificação com presença negativa de elementos arquitectónicos, completamente alheios ao contexto, e de

#### **4. CONCURSO PARA UM CLUBE NÁUTICO NA COSTA BRAVA CATALÃ**

O concurso visava a elaboração de um clube náutico em Llançà, vila na Costa Brava catalã, como edifício de apoio a uma marina já existente. Embora se tratasse de um programa bastante simples, a envolvente provocava uma inserção delicada.

##### **Metodologia**

**1ª fase - Levantamento.** Esta fase incluiu deslocações ao local para observação e análise da área de intervenção, acompanhada de levantamentos gráficos e fotográficos. Permitiu-nos uma primeira aproximação ao local e aos seus elementos mais significativos

**2ª fase - Análise do local e Análise do programa.** Uma análise do levantamento efectuado, assim como das plantas do local permitiu-nos uma primeira abordagem gráfica em que se estipularam determinadas linhas de acção e, em contornos muito gerais, as primeiras "intenções" projectuais. Nesta fase, elaborou-se também o organigrama funcional, no sentido de se estratificar o programa tentando uma aproximação do mesmo ao contexto

**3ª fase - Discernimento de todos os factores condicionantes da proposta.** Depois das análises efectuadas foi possível definir quais as condicionantes do projecto – a nível físico, a nível programático e a nível da legislação aplicável

**4ª fase – Concepção e elaboração da proposta com um desenvolvimento até à escala 1/200 em suportes bi-dimensionais, com todos os elementos necessários para o perfeito entendimento dos espaço (interiores/exteriores) do edifício – plantas, cortes, alçados, perspectivas e montagens fotográficas**

##### **Análise da envolvente**

Llançà é uma pequena vila piscatória, actualmente orientada para o turismo, no Norte da Costa Brava catalã. A área de intervenção, localizada numa das extremidades, encontra-se algo descaracterizada com presença negativa de elementos edificados (pontuais) completamente alienados do contexto, e de

qualidade arquitectónica reduzida (barracões e armazéns industriais de proporções consideráveis). Da natureza específica do território encontramos ainda, para além da magnitude e serenidade do mar Mediterrâneo, uma elevação, em jeito de falésia, que de certa forma define também o recorte marítimo e que, sendo percorível no topo, permite uma vista magnífica sobre a vila e sobre o mar (o que de certa forma reporta para a ambiência natural, perdida na parte mais baixa com as construções já mencionadas). Entre a margem e esta elevação, existe uma faixa de terreno por onde passa um estrada que acompanha o perímetro inferior desta última. A área de intervenção propriamente dita, será junto à margem e a uma marina à qual o edifício há de servir.

Perante tal cenário, com fragilidades tão evidentes procedeu-se a uma aproximação à envolvente mais alargada, a vila de Llançà, no sentido de enquadrar a intervenção com uma filosofia mais geral do espaço, e dessa forma harmonizar esta área específica com o resto da paisagem. Assim, dentro desta abordagem, isolamos os seguintes factores que condicionariam a proposta:

- Forte relação com o mar;
- Escala reduzida e um certo pitoresco já tocado pelo turismo, mas ainda assim com uma ambiência bastante "natural"
- Cores dominantes branco e ocre



Vista da vila de Llançà e da área da intervenção

### Análise do programa

O programa era bastante simples e compunha-se por: hall, recepção, cafetaria (com cozinha), oficina, balneários, instalações sanitárias, dois gabinetes administrativos, uma sala de reuniões, área para arrumos e área de circulação.

Os factores programáticos e legislativos condicionantes da proposta eram: cêrcea máxima de três pisos (piso térreo + dois) e relação área/piso, em que a área dos pisos superiores tinha de ser metade da área do piso térreo.

Perante estes dados e depois da sua análise fez-se o organigrama funcional em que se estipularam três áreas funcionais estratificadas nos diferentes pisos:

Piso 0 – Espaços de carácter público (hall, recepção, oficina, I.S. e cafetaria)

Piso 1 – Espaços semi-públicos (balneários, e arrumos)

Piso 2 – Espaços internos administrativos (gabinetes, sala de reuniões e I.S.)

Pretendia-se, além desta divisão, que no interior os espaços não fossem estanques visualmente e que nesse sentido houvesse uma grande comunicação entre eles. Este objectivo podia ser conjugado com a restrição em termos de área, já que se podia jogar com os pés-direitos. Assim, estabeleceu-se a existência de um elemento vazado vertical que, não só seria o local para as circulações, como permitiria uma ligação visual e uma amplitude e unificação do espaço interior pretendidas.

### **Solução proposta**

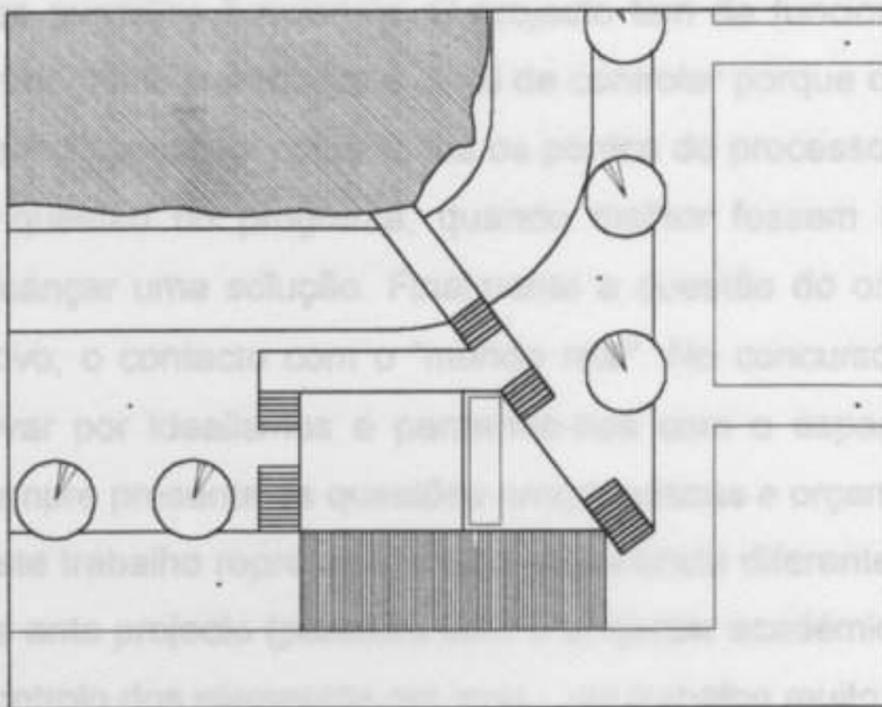
Tendo sido efectuada a análise do local e a análise do programa, e definidos os factores condicionantes da solução, procedeu-se então à fase de projecto propriamente dita. A solução projectual propunha um edifício de três pisos, com uma base paralelepípedica (piso 0) e um volume vertical que só abrangia metade da área da base.

No interior, parte do volume vertical era vazado, formando uma espécie de "eixo" no centro do edifício. Este "eixo" não só permitia a comunicação visual interior entre os pisos, como a entrada de luz de uma forma homogénea. Todas as áreas funcionais se abriam para este elemento.

No exterior, o volume era "abraçado" por um sistema de passadeiras que, fazendo a ligação directa com o cimo da elevação (formando uma ponte sobre a estrada), permitiam a entrada directa ao piso 1 e faziam também a comunicação exterior entre os diferentes pisos. Entendemos estas passadeiras não só como elementos de ligação terra/mar com o objectivo de estabelecer uma relação entre os elementos naturais, como também como elementos desmaterializadores do próprio edifício já que, de certa forma subvertiam a ordem dos pisos, permitindo a circulação exterior a vários níveis com percursos realizáveis.

O edifício abria-se com grandes vãos envidraçados para Este (o mar). Ao nível do piso 0, o pavimento interior prolongava-se ao exterior do edifício com o intuito de evidenciar essa abertura, formando-se uma área de esplanada. No lado oposto

(da elevação) apenas pequenas aberturas salpicavam a fachada, evidenciando-se mais o sistema de passareiras já referido.



Planta de implantação do edifício

### **Materiais**

Em relação aos materiais utilizados optou-se por seguir as características encontradas na observação e análise de Llançà, como forma de prolongar a ambiência local.

Todo o edifício seria em estrutura de betão (lajes, pilares e vigas), rebocado e pintado de branco. Os envidraçados seriam em caixilharia de madeira e as passareiras exteriores seriam executadas em estrutura metálica e madeira.

No interior, os materiais de revestimento seguiam a mesma lógica, sendo as paredes brancas e os pavimentos em madeira, excepto das I.S. e da oficina (em linóleo).

### **Conclusão**

Em primeiro lugar ressalta a questão do prazo, o projecto teve de ser efectuado até uma data precisa e requereu uma disponibilidade total (principalmente nos últimos dias!). Isso também implicou a elaboração de uma solução rápida, não havendo muito tempo para amadurecimento de ideias.

Um aspecto fundamental foi a organização do trabalho de equipa, a necessidade absoluta de uma pirâmide organizada em que notei a importância

da presença de uma pessoa experiente que soubesse decidir por que caminhos enveredar.

Constatei também a importância de um equilíbrio entre a fase projectual (da ideia) e das questões funcionais. O projecto tem de funcionar mantendo a "alma", foi um ponto muito importante e difícil de controlar porque o prazo não o permite. Revelou-se indispensável cobrir todos os pontos do processo, a relação com a envolvente e a questão do programa, quando melhor fossem abordadas mais fácil seria de alcançar uma solução. Finalmente a questão do orçamento, um ponto totalmente novo, o contacto com o "mundo real". No concurso revelou-se fácil deixarmo-nos levar por idealismos e perdermo-nos com o espaço, por isso foi necessário ter sempre presente as questões programáticas e orçamentais, as áreas, o custo....

Este trabalho representou uma experiência diferente, embora se trate de uma fase de ante projecto (parecida com o projectar académico) surgiram novas variáveis de controlo dos elementos em jogo... um trabalho muito aliciante.

## 5. TRABALHOS DE INVESTIGAÇÃO E ANÁLISE URBANA

---

Os trabalhos que surgiram de uma forma mais homogénea durante o período de estágio foram de investigação e análise urbana. Com um cariz mais teórico (embora com aplicações práticas) este tipo de trabalhos consistia no estudo da evolução urbana de diferentes povoações catalãs, com o objectivo principal de caracterizar a estruturação e evolução do espaço urbano, assim como os seus processos de transformação, para uma posterior definição de critérios de intervenção.

Assim, este grupo de trabalhos foi composto por três fases:

1ª fase – Consistiu no estudo de pequenas povoações de carácter histórico. Por exemplo, desenvolveu-se uma análise em torno do castelo de Miravet. Pretendia-se recuperar e reabilitar o castelo com novas funções. Foi necessário desenvolver um estudo no sentido de estabelecer uma lógica de intervenção que delimitasse o que preservar ou eliminar, e que simultaneamente respeitasse o objecto em estudo. A metodologia utilizada foi semelhante à utilizada no estudo do Casco Antigo de Barcelona que irei desenvolver mais à frente)

2ª fase – Esta fase marca o início do estudo desenvolvido sobre Barcelona. Tratou-se da elaboração da primeira planta do Casco Antigo, à escala 1/1000. Nessa planta desenharam-se todos os pisos térreos dos quarteirões com definição da tipologia interior

3ª fase – Utilizando a planta referida como uma das ferramentas de trabalho e desenvolvendo uma metodologia que incluía para além da análise histórica, a análise crítica do contexto actual, procedeu-se à investigação e análise urbana do Casco Antigo de Barcelona. O estudo teve como objecto os binómios tecido/acção (acção no território) e tecido/objecto (a intervenção pontual), sempre com o objectivo de definir alternativas ao PERI ("Plan Especial de Reforma Interior") datado de início dos anos 80. Infelizmente o meu acompanhamento deste trabalho não alcançou a fase de proposta e de definição de critérios, no entanto, toda a parte de investigação e análise urbana permitiu constatações interessantes, sendo particularmente interessante a metodologia utilizada e a abordagem à área em questão.

Distinguiram-se três etapas:

- Análise do passado – de carácter histórico
- Análise do presente – observação e análise de situações existentes e crítica aos planos vigentes
- Confronto dos dados extraídos

É todo esse processo que irei expor, traçando toda a estratégia utilizada, e procurando concluir sobre a sua validade, as metodologias utilizadas e as constatações extraídas.

### **Metodologia**

1. Investigação bibliográfica, cartográfica, histórica e fotográfica da realidade edificada em diferentes periodos temporais. Para a inventariação dos dados referidos, efectuou-se a recolha em diferentes fontes: Arquivo de San Cougat (gravuras e plantas); Arquivo Municipal de Barcelona (cadastro dos edificios em planta e microfilme); Publicações do "Ayuntamiento" (planos antigos da cidade com plantas de igrejas, conventos e palácios). A principal fonte foram trabalhos de levantamento e inquérito realizados pelos alunos do Arqº.

2. Análise dos dados recolhidos e comparação de elementos distintos com a mesma datação. Esta análise deveu-se ao facto de que muitas vezes a confrontação de gravuras e plantas com a mesma data não fornecerem a informação completa. Tinha como objectivo recolher o maior numero de informação (e mais preciso) acerca de determinado periodo histórico, informação que em muitos casos surgia paralelamente.

3. Compilação numa planta (neste caso a planta à escala 1/1000 já referida) das malhas correspondentes aos diferentes periodos históricos de evolução do território. Pretendia-se com este procedimento obter o resultado da interrelação das sucessivas transformações físicas sofridas, e alcançar uma melhor definição da morfologia urbana.

4. Observação do contexto actual com análise de situações, planos e elementos edificados presentes. Conhecendo, nesta fase do estudo, uma lógica de evolução (adequada ou não), torna-se necessário conhecer a situação e os problemas

actuais do conjunto edificado existente, de forma a poder dar-se uma resposta às necessidades urbanas (físicas e humanas) com estratégias lógicas e sólidas para um funcionamento integrado de todas as partes do tecido.

Depois de efectuadas as constatações dos factores a ter em conta, a parte seguinte seria a de proposta. Como já referi, infelizmente não tive a oportunidade de vir a participar devido ao facto de o estágio terminar antes de se alcançar essa fase.

### **Aplicação da metodologia**

#### ANÁLISE DE CARÁCTER HISTÓRICO (pontos 2 e 3 da metodologia)

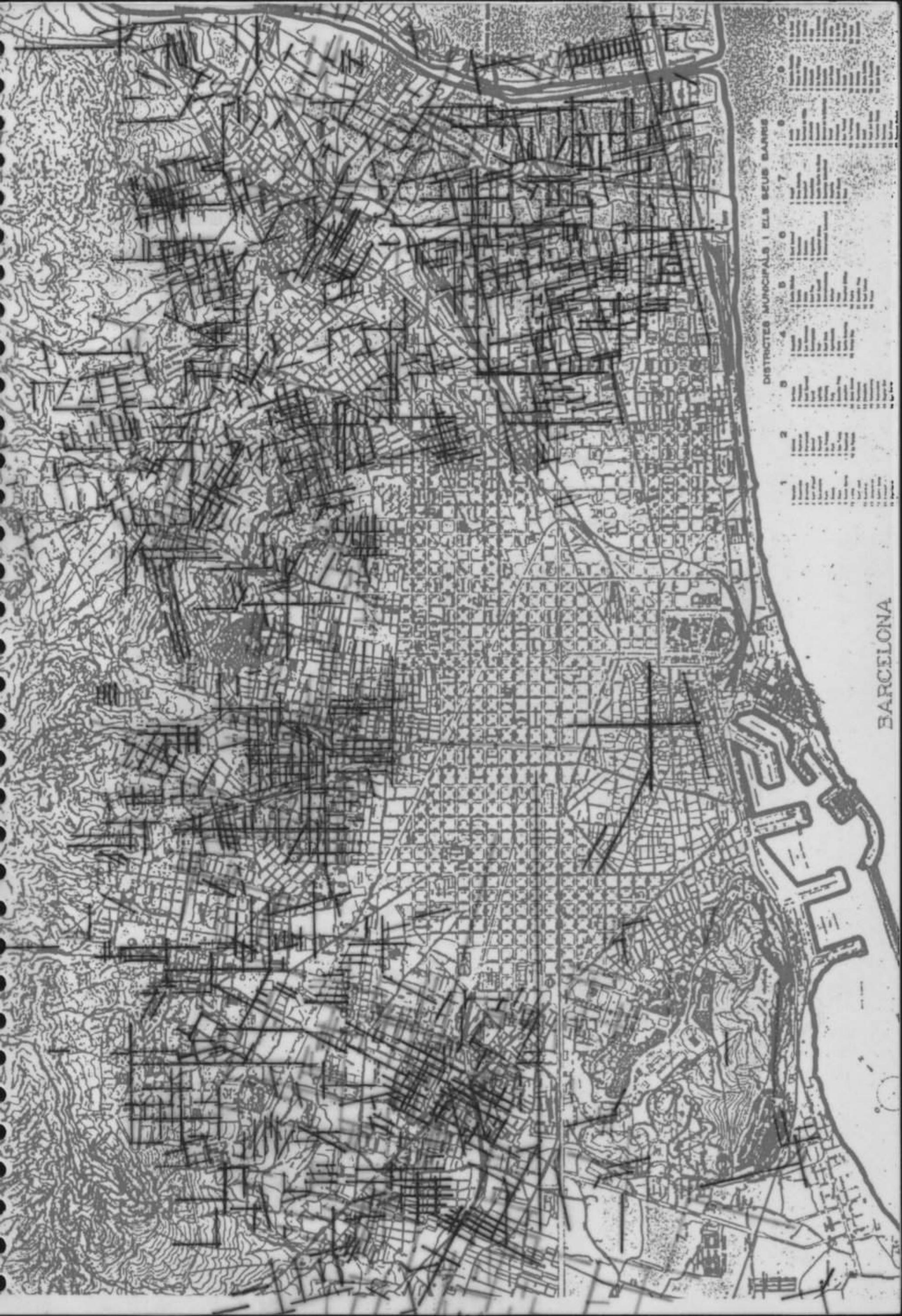
Na imagem da página seguinte apresenta-se um excerto do que se efectuou nesta fase do trabalho. Embora este exemplo se estenda a todo o tecido urbano, foi efectuada uma abordagem que incidiu exclusivamente sobre o Casco Antigo (e que não me foi possível fotocopiar). Esta abordagem serviu-se de todos os dados recolhidos e analisados em etapas anteriores, que agora serviriam de ferramentas de trabalho e que, conjugados entre si, nos permitiriam alcançar conclusões menos evidentes.

Da análise evolutiva de plantas da cidade, puderam averiguar-se determinadas manchas de crescimento, e estabelecer-se uma sequência temporal das transformações sucessivas da morfologia urbana em períodos específicos da história, às quais correspondia a projecção ortogonal de uma malha.

As malhas representativas de períodos de desenvolvimento significativo foram sobrepostas (com cores distintas) à planta do Casco Antigo da cidade.

O estudo foi levado até ao pormenor das tipologias interiores de cada edifício, ao nível da "planta baja". Muitas vezes, determinados elementos construtivos interiores – Paredes – constituíam linhas de continuidade, e até antigos traçados históricos, que só foram perceptíveis através da confrontação, efectuada com a representação de todas as plantas dos edifícios existentes no Casco Antigo (sem dúvida um trabalho exaustivo!).

A aplicação e cruzamento das projecções ortogonais, referentes a malhas específicas, sobre esta planta e, a observação dos pontos de ruptura e de continuidade, permitiu, através de uma comparação com a situação actual e com as suas condições (a todos os níveis), constatar grandes transformações e avaliar



DISTRICTES MUNICIPALS I ELS SEUS BARRIS

District	Barri
1	Barri Gòtic
	Barri del Raval
	Barri de Sant Pere
	Barri de Sant Pau
	Barri de Sant Martí
	Barri de Sant Antoni
	Barri de Sant Joan
	Barri de Sant Jaume
	Barri de Sant Miquel
	Barri de Sant Carles
2	Barri de Sant Joan de Vilatorrada
	Barri de Sant Joan de Vilatorrada
	Barri de Sant Joan de Vilatorrada
	Barri de Sant Joan de Vilatorrada
	Barri de Sant Joan de Vilatorrada
	Barri de Sant Joan de Vilatorrada
	Barri de Sant Joan de Vilatorrada
	Barri de Sant Joan de Vilatorrada
	Barri de Sant Joan de Vilatorrada
	Barri de Sant Joan de Vilatorrada
3	Barri de Sant Joan de Vilatorrada
	Barri de Sant Joan de Vilatorrada
	Barri de Sant Joan de Vilatorrada
	Barri de Sant Joan de Vilatorrada
	Barri de Sant Joan de Vilatorrada
	Barri de Sant Joan de Vilatorrada
	Barri de Sant Joan de Vilatorrada
	Barri de Sant Joan de Vilatorrada
	Barri de Sant Joan de Vilatorrada
	Barri de Sant Joan de Vilatorrada
4	Barri de Sant Joan de Vilatorrada
	Barri de Sant Joan de Vilatorrada
	Barri de Sant Joan de Vilatorrada
	Barri de Sant Joan de Vilatorrada
	Barri de Sant Joan de Vilatorrada
	Barri de Sant Joan de Vilatorrada
	Barri de Sant Joan de Vilatorrada
	Barri de Sant Joan de Vilatorrada
	Barri de Sant Joan de Vilatorrada
	Barri de Sant Joan de Vilatorrada
5	Barri de Sant Joan de Vilatorrada
	Barri de Sant Joan de Vilatorrada
	Barri de Sant Joan de Vilatorrada
	Barri de Sant Joan de Vilatorrada
	Barri de Sant Joan de Vilatorrada
	Barri de Sant Joan de Vilatorrada
	Barri de Sant Joan de Vilatorrada
	Barri de Sant Joan de Vilatorrada
	Barri de Sant Joan de Vilatorrada
	Barri de Sant Joan de Vilatorrada
6	Barri de Sant Joan de Vilatorrada
	Barri de Sant Joan de Vilatorrada
	Barri de Sant Joan de Vilatorrada
	Barri de Sant Joan de Vilatorrada
	Barri de Sant Joan de Vilatorrada
	Barri de Sant Joan de Vilatorrada
	Barri de Sant Joan de Vilatorrada
	Barri de Sant Joan de Vilatorrada
	Barri de Sant Joan de Vilatorrada
	Barri de Sant Joan de Vilatorrada
7	Barri de Sant Joan de Vilatorrada
	Barri de Sant Joan de Vilatorrada
	Barri de Sant Joan de Vilatorrada
	Barri de Sant Joan de Vilatorrada
	Barri de Sant Joan de Vilatorrada
	Barri de Sant Joan de Vilatorrada
	Barri de Sant Joan de Vilatorrada
	Barri de Sant Joan de Vilatorrada
	Barri de Sant Joan de Vilatorrada
	Barri de Sant Joan de Vilatorrada

BARCELONA



as deformações históricas, a conservação selectiva do cadastro: a progressiva degradação e desaparecimento de determinadas áreas e a permanência e desenvolvimento de outras.

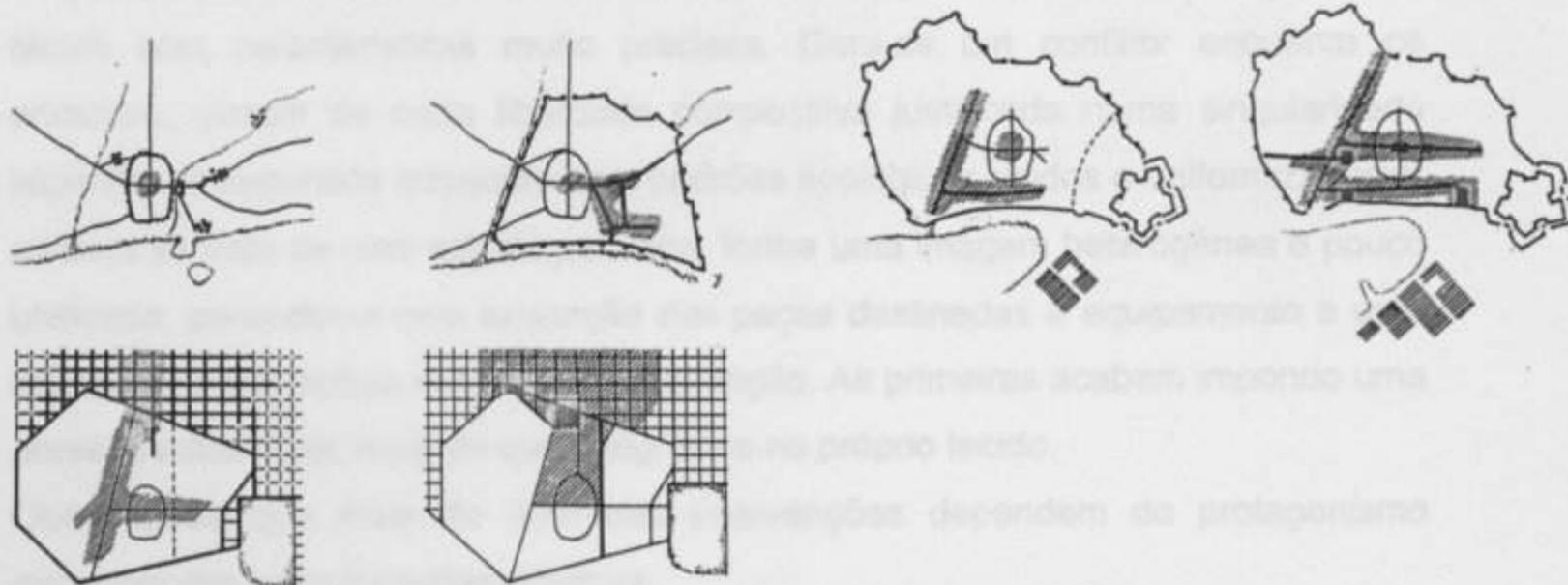
Da sua história e evolução ficou um tecido denso de quarteirões, em que a principal característica é a coabitação de diferentes traçados da história em que cada etapa é ainda visível. Uma estrutura sedimentada por três muros correspondentes à cidade Romana, à cidade Medieval e aos quarteirões periféricos. Um exemplo das contradições observadas foi a afectação negativa da alteração de determinados traçados (com a sobreposição de outros) e a abertura de novas vias. Por exemplo, o projecto do Ensanche, de Ildefons Cerdà, sem duvida um grande marco, senão o maior, na história da morfologia urbana de Barcelona, em que a penetração de um eixo –Via Layetana– no casco antigo, nasceu de um problema de comunicação mais do que da necessidade da própria área. Isto de certa forma vem justificar o porquê da progressiva degradação e marginalização da área que ficou “decepada” do resto do tecido.



Via Layetana



Deste estudo puderam observar-se relações no território que interessam preservar (como seja a presença dos diferentes troços de cidade) e outras que talvez devessem ser eliminadas de forma a restituir-se o tecido original.



Evolução urbana do Casco Antigo da cidade de Barcelona

#### ANÁLISE DO CONTEXTO ACTUAL (ponto 4 da metodologia)

(Planos, Situações, Intervenções e Edifícios)

Os dados foram recolhidos em inquéritos efectuados e em outro tipo de análises desenvolvidas por alunos e outras entidades.

Em relação aos PLANOS para esta área:

Os projectos de intervenção urbana, como todos sabemos, têm limites cronológicos muito precisos. O problema é que se estabeleceram alguns modelos e propostas de intervenção, semi-realizados, que actualmente, por inexistência de uma continuidade e lógica de intervenção, se converteram em elementos de degeneração do tecido e conseqüente degradação do mesmo (questão fundamental –“timing” das intervenções).

Além disso, deparamo-nos com muitas formalizações (quer a nível de edificação quer a nível de vias) baseadas em linhas de destruição massiva de bairros consolidados, constituindo-se muitas vezes como barreiras a intervenções físicas e sociais globalizantes e planeadas com objectivos definidos.

Quando foram definidos os programas de actuação nos PERI, a palavra chave era normalização. O objectivo era que o casco antigo fosse um “distrito” normal, com a heterogenidade e multiplicidade de usos de qualquer outro “distrito” da cidade. No entanto, não se tratando de uma área “normal”, porquê tentar homogeniza-la com os mesmos parâmetros das outras áreas já que as suas características de densidade, de estrutura, de viabilidade, de degradação, de sistemas construtivos, de patologias, de programas residenciais, a excluíam de qualquer abordagem baseada numa pertensa normalidade?

A dinâmica presente parece tender a impulsionar um modelo misto, em que os novos equipamentos públicos adoptam um papel qualificador, mais estratégico, enquanto que os novos edifícios residenciais asseguram a continuidade de um tecido com características muito precisas. Gera-se um conflito: enquanto os primeiros, gozam de certa liberdade compositiva justificada numa singularidade implícita, os segundos adequam-se a padrões tipológicos rígidos e uniformizadores; embora se trate de uma estratégia única, forma uma imagem heterogénea e pouco unificada, gerando-se uma exaltação das peças destinadas a equipamento e uma banalização das outras destinadas à habitação. As primeiras acabam impondo uma presença discutível, mais do que integrar-se no próprio tecido.

Observou-se que mais de 90% das intervenções dependem do protagonismo exclusivo das administrações públicas.

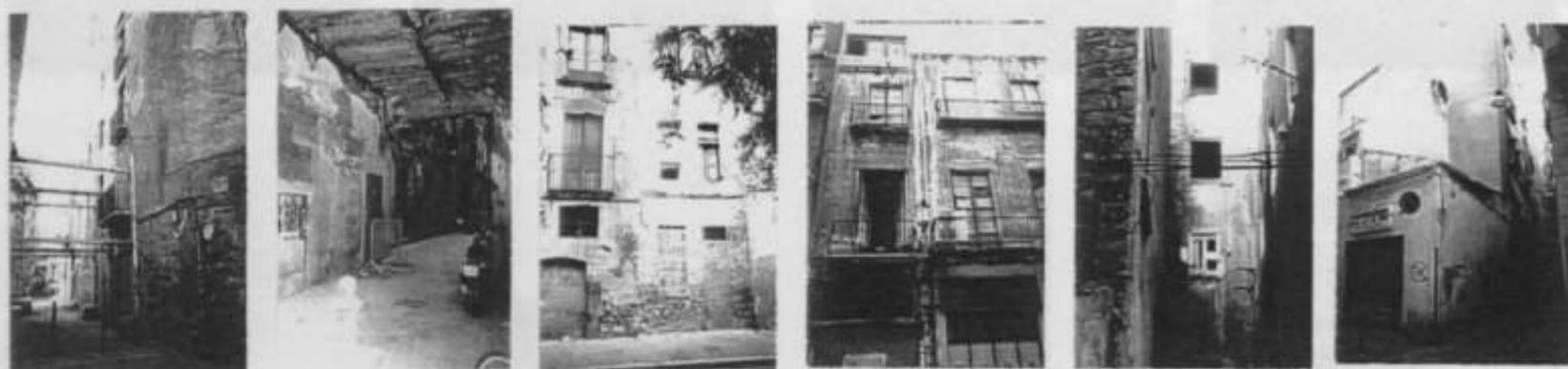
Ainda neste contexto verificou-se a inexistência de investigações adequadas para propor alternativas.

Das sucessivas transformações resultam nos dias de hoje as seguintes SITUAÇÕES URBANAS:

- Tecido peculiar, com uma enorme falta de luz e ar limpo, com ruas de 5m de largura, com edificações e quarteirões irregulares e sempre diferentes



- Grande redução do espaço público em determinadas áreas com consequente contradição com outras áreas desestruturadas
- Forte presença de ruínas urbanas resultantes da destruição massiva de
- Fortes tensões morfológicas e funcionais, elevado estado de degradação com desigualdades acentuadas, geralmente associadas a alterações de estrutura e continuidade do espaço urbano



- Enumeros estragos causados pelas transformações da sociedade e pela

"nova" forma de ocupar e viver o espaço: invasão indiscriminada do automóvel, vandalismo urbano e falta de cuidado analítico e estético no desenho de novos objectos e construções



- Grande vivência do espaço exterior em determinadas áreas mais terciarizadas contrastando com outras mais desertificadas
- Forte presença de vazios urbanos resultantes da destruição massiva de edificações



- Êxodo da população provocado por expropriações e demolições
- População residente idosa e sem capacidade para recuperar as suas habitações



- Utilização de materiais alienados aos característicos



#### Análise de EXEMPLOS EDIFICADOS:

Como estudante de arquitectura, e tendo sido abordados no atelier estes dois exemplos (o mau e o bom) pareceu-me importante fazer-lhes referência como parte integrante do processo.

#### MACBA – Richard Meyer

Como já foi referido, é muito frequente depararmo-nos com certas discontinuidades no tecido urbano do Casco Antigo. Discontinuidades ligadas quer a intervenções mais actuais que se assumem como um corte no tecido existente, quer ligadas a estados de degradação bastante avançados que, evidenciando alguns sinais de ruína acabam por contrastar e evidenciar-se no tecido urbano.

Por exemplo, a inserção do Museu de Arte Contemporânea de Barcelona de Richard Meyer. Não se pretende por em causa a sua qualidade arquitectónica, se funciona bem ou mal, se é dispendioso ou não. O que se coloca em causa é a validade do seu carácter de símbolo.

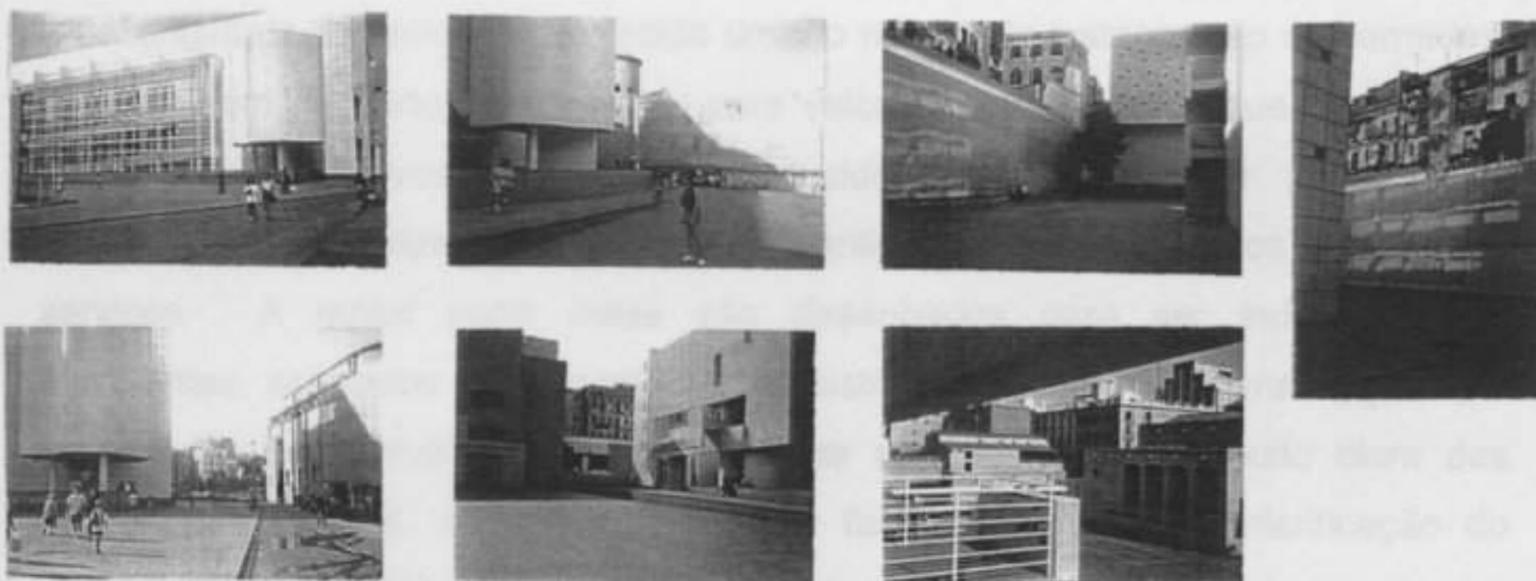
Inserido num bairro muito degradado do Casco Antigo, o Raval, muito denso e com ruas profundas, o edifício apresenta-se como um objecto mediático que se mostra a si próprio, talvez como símbolo do poder político ou como pretensa imagem da progressiva evolução cultural. Efectivamente num plano exclusivamente estético até poderá funcionar, por contraste, como objecto estrangeiro e mudo. No entanto, o fundamento da arquitectura não se resume em critérios de natureza estética.

O edifício de MACBA representa um exemplo de uma errada demolição do contexto para a má inserção de um "icon". Para além de uma acentuada desarticulação urbana, em que é evidente o corte radical no tecido e a inexistência de uma "costura" com os tecidos vizinhos, a nível sociológico são também visíveis os danos causados. Em primeiro lugar, geraram-se junto do edifício fenómenos anómalos de utilização e apropriação de espaço com realidades sociais bastante dissonantes (a finalidade deste espaço e a utilização que nele se verifica é completamente díspar). Em segundo lugar a criação de uma "ilha", roubada ao tecido urbano existente, e portanto, uma conseqüente quebra na continuidade e circulação desse mesmo tecido urbano, gerou uma enorme e rápida degradação e "ghetização" da área Oeste. Houve um isolamento forçado dessa área ao resto do organismo urbano, talvez como gesto de repulsa, materializado num muro de betão. O resultado é um órgão atrofiado com enormes problemas físicos e sociais.

Por comparação, o exemplo da recuperação do Convento de los Angeles (edifício em frente) efectuada pelos arquitectos Lluís Cloet, Oscar Tusquets e Ignácio Paricio, reflecte um perfeito balanço entre modernidade, recuperação e criação. Por exemplo a escolha do tijolo como material de revestimento exterior faz a ligação entre novo e velho, não deixando de ser perceptível onde começa e onde acaba a intervenção.

Conclui-se portanto que o objectivo inicial da colocação do edifício do MACBA, ou seja fazer reviver e dar outro uso a uma área bastante degradada, acabou por, ao contrário de resolver, trazer ainda mais problemas e situações conflituosas. Ressalta a questão da temporalidade das intervenções (é certo que este edifício se integra num plano geral de revitalização da área que, infelizmente até agora em relação ao bairro a Este só tem gerado um efeito negativo). Um controlo

incompleto de todas as variáveis implicadas resulta num efeito negativo (que, pode muito bem não depender das qualidades arquitectónicas do objecto).



#### Pati Llimona e Correu Vell – Ignási Sola Morales

Inserindo-se na complexidade espacial, este projecto vai ao encontro de duas atitudes em matéria de reestruturação, que visam, quer a destruição de vestígios, quer a sua reconstrução fiel. Tratam-se de dois antigos palácios actualmente transformados em centros cívicos - o Pati Llimona e o Correu Vell. Um dos critérios de definição do projecto seria valorizar todos os estratos, testemunhos de épocas passadas, e operar um paciente trabalho de arqueologia que consistia na procura de todos os elementos tipológicos interessantes e simultaneamente na eliminação de todos os elementos supérfluos. A antiga muralha Romana, remanescente aos séculos I e III, foi restaurada e colocada em evidência com a criação de dois percursos que desembocam em duas praças semi-públicas. Restituídas à cidade, elas são os traços de um passado, recolocados e valorizados e tornam-se espaços museológicos abertos e vivos, perfeitamente integrados no tecido urbano. O conjunto Romano encontra assim, um sentido na qualidade de primeiro estrato. O segundo, diz respeito aos edifícios construídos durante a época Medieval, transfigurados no decorrer do século XVIII ou camuflados por intervenções sucessivas correspondentes às novas necessidades. É uma intervenção que vem provar que certos edifícios notáveis devem reencontrar o seu estado inicial, ou pelo menos o que dele resta. Neste caso, o processo transformou-se num verdadeiro trabalho de microcirurgia. A subtilidade deste trabalho consistiu no restauro dos elementos tipológicos mais interessantes, correspondentes às grandes etapas de formação da cidade, mas sem procurar alcançar um mimetismo. Ao contrário, o presente é lido como uma dessas etapas e assim estabelece-se uma ligação

com o passado. A cidade torna-se narração e a intervenção arquitectónica, mais do que uma simples colocação de objectos estéticos no território, é a criação de espaços carregados de sentido que podem ser lidos e interpretados. Curiosamente, a continuidade da história e do tecido urbano resulta da justaposição de camadas, mas também de cortes necessários para valorizar uma herança que merece ser respeitada. Os novos elementos introduzidos participam neste princípio de sobreposição: escadas, janelas, vazios mantidos, redistribuição dos usos e dos serviços. A maior parte deles são desenhados para ser independentes, insinuantes, pousados ou sobrepostos às estruturas existentes - uma opção que evita todas as confusões inúteis e permite uma identificação muito clara das diferentes tipologias. A introdução da cor facilita também esta clarificação do discurso e das origens, traz uma leitura mais conceptual dos espaços e associa-lhes um cariz simbólico que evoca cada período histórico. É, sem dúvida uma intervenção que transformou dois antigos palácios num equipamento de bairro, um centro cívico que contém serviços e actividades culturais num universo reconquistado onde cada informação é reenviada à sua fonte de origem com uma precisão pedagógica. Enfim, uma atitude infelizmente pouco utilizada nas intervenções praticadas nesta.



### Factores a considerar na elaboração de uma proposta

Dos estudos e análises efectuados puderam constatar-se alguns factores que deviam ser tomados em conta na execução de qualquer proposta alternativa ao PERI.

O objectivo da nova proposta será de enfrentar a problemática do Casco Antigo com uma visão realista, com formas de intervenção actuais, desde uma perspectiva de valorização cultural do passado histórico (materializado nos elementos morfológicos configurados nesta parte da cidade: praças, ruas, espaços livres,

edifícios de habitação, monumentos históricos...), mas evitando classificá-lo como conjunto monumental estagnado no tempo e com valor exclusivamente turístico.

Assim, antes a apresentação de qualquer solução, dever-se-à observar a enorme complexidade dos factores em causa:

1. Dar prioridade a estudos específicos de cada área dentro do Casco Antigo, como elementos indispensáveis para a formalização de uma solução global. Sintetizar uma série de problemas localizados e analisá-los previamente na sua relativa autonomia. Definição de zonas de conservação e zonas de renovação da estrutura urbana. Deve ser dada particular atenção à regulamentação urbanística vigente no local, no sentido de avaliar a sua eficácia e identificar as suas falhas. A aprovação de projectos e o licenciamento de obras deve ter em conta a preservação de valores inventariados, a eventual eliminação de elementos dissonantes e a necessidade de manter um equilíbrio harmonioso entre a escala existente e as novas intervenções.

2. Compromisso entre as soluções formais e os programas de realização a curto e médio prazo, evitando as afectações com vocações centenárias e utópicas. Assim, a redacção de estratégias deverá procurar conferir uma dinâmica própria aos diferentes bairros (dentro de um "timing" preciso), fundamentada nas suas próprias problemáticas e decisões conjunturais que, mesmo não resolvendo totalmente os problemas, certamente trarão melhores resultados que os actuais, travando o processo de degradação.

3. Procurar uma homogenização qualitativa do casco antigo, aceitando as bases históricas, as suas dependências e diferenças. Esta homogenização passa por um equilíbrio de significados e usos a nível de cada zona, entendida como peça do casco antigo, mas nunca perdendo certos protagonismos históricos fundamentais para a sua caracterização e dignidade formal. Manter o equilíbrio tradicional, entre residência e actividades terciárias que caracteriza o Casco Antigo. Deverá ainda, fomentar-se o aparecimento de novos usos que contribuam para a dinamização económica e social. A par deveria desenvolver-se uma estratégia no sentido de saber para que função orientar esta parte da cidade e qual o seu papel a nível metropolitano

4. Respeito pelos traçados históricos. Entender o casco antigo como uma soma de realidades históricas (bem visíveis nos estudos analíticos e comparativos efectuados sobre plantas de várias épocas), com uma justaposição de troços com certa autonomia e não como um sistema global aprioristicamente racionalizado e asepticamente coerente (como acontece quando por exemplo se rasgam eixos viários como quem corta a relva num campo de golf). Em vez de se imporem fórmulas radicais de segregação, mais vale utilizar os recursos disponíveis a fim de se por em funcionamento os eixos já existentes, muitas vezes em colapso por falta de continuidade. Não se pretende uma monumentalização histórica mas antes a procura de uma leitura e um entendimento do funcionamento do tecido urbano para que os novos "textos" falem a mesma língua embora com vocábulos actuais. Compreensão da dialéctica entre degradação e persistência dos elementos existentes comparativamente às sucessivas alterações que foram sofrendo com intervenções passadas.

5. Manter a malha viária básica existente reconhecendo a sua capacidade ordenadora e a sua importância como centro de relações. Os espaços públicos deverão ser, na medida do possível, devolvidos à circulação pedonal, o que implicará alterações de trânsito, criação de estacionamento e arranjo de ruas, largos, praças e jardins. Reconverter e actualizar o traçado urbano dentro da tradição da praça, da rua, do passeio e do jardim, integrados numa visão actual e dinamizadora. Respeito pelas tipologias, volumes e carácter dos bairros, como reacção à vulgarização especulativa.

6. Manter a permanência do número de habitantes actual, que consolida a comunidade e minorar o desequilíbrio existente nos diferentes sectores, assim como o desequilíbrio etário verificado.

7. Conservar todos os elementos exponenciais de determinadas épocas significativas, que permitem a leitura do Casco Antigo sem adoptar exageros demagógicos em elementos irreversíveis. A utilização de novos materiais e novas técnicas de construção pode ser desejável em certos casos mas deve ser sujeita a estudo criterioso, no sentido de não se criarem situações de conflito como acontece actualmente – adequação das novas tecnologias à política de intervenção integrada.

## Conclusão DO – Intervenção comparativa

O desenvolvimento do trabalho realizou-se desde uma perspectiva em que sobressaía a morfologia do construído como principal ferramenta na intervenção – as ruas, as praças, os quarteirões... A assimilação das proporções existentes associada à aceitação da necessidade de destruição de áreas específicas como método integrante de uma estratégia com objectivos claros e definidos.

Como já foi referido não tive a oportunidade em participar no posterior desenvolvimento deste trabalho, com aplicações formais concretas, recaindo a minha colaboração essencialmente no trabalho de investigação e análise das realidades urbanas, passadas e presentes. Todo o processo representou uma reflexão sobre a cidade histórica e a importância da sua salvaguarda e reabilitação, permitindo-me adquirir um vasto leque de conhecimentos, não só a nível de metodologia e análise, como dentro do tema em questão (o Casco Antigo).

Algumas das constatações decorrentes deste trabalho foram: em primeiro lugar, a escala tão alargada que as questões do urbanismo abrangem, e como deve ser encarado um projecto ao nível da cidade, em termos de um processo de análise rígido e rigoroso; em segundo, a importância da fase de análise, e do controlo de todas as variáveis implícitas (físicas e humanas) - qualquer má intervenção, resultante de uma abordagem negligente ao território, terá repercussões (que às vezes não se limitam a uma vida humana) a todos os níveis, marginalizando o espaço e a cidade em si (como acontece por exemplo em Lisboa no Casal Ventoso). A necessidade de se manter um nível de qualidade; em terceiro lugar, o facto de que a cidade está sempre em movimento e que há sempre algo de novo que não é possível controlar, daí a necessidade de uma visão actualizada e com previsões a longo prazo.

Intervenção. A criação de percursos pedonais geradores de uma nova vivência no interior dos quarteirões foi, por exemplo, uma atitude inovadora e qualificadora do espaço, que não entrou em conflito com a procura de continuidade espacial nas tipologias anteriores (fechadas), que foram entendidas como um prolongamento do traçado portuário onde não era possível gerar continuidades.

Assim, o que o que há de novo nesta operação de recuperação não se refere propriamente à arquitectura, mas sim à certas relações com a zona envolvente. Há uma preocupação em reabilitar uma lógica a um sistema anterior, adaptando-o às novas vivências.

Todos os elementos foram salvaguardados e desenvolvidos até ao mais pequeno pormenor.

## 6. CHIADO – Um exemplo comparativo

O Chiado é um pedaço muito significativo de uma larga malha arquitectónica-urbana, de um pedaço de "costura", resultado do projecto Pombalino realizado pós-terramoto.

Pareceu-me importante falar deste caso como um exemplo português do que me parece ser uma intervenção actual, positiva e isenta de protagonismos supérfluos.

A leitura do espaço tal e qual como se encontra nos dias de hoje, com todos os objectos e percursos que o constituem demonstra que todo o projecto de intervenção foi fundamentado num método baseado inicialmente em estudos de reconhecimento do chiado ardido, quer em termos de história, quer em termos de levantamento desenhado, quer em termos de avaliação nos diversos pontos de vista: técnicos e de segurança. As decisões terão sido tomadas a partir de conclusões extraídas deste estudo, sempre submetidas a uma ideia de urbanidade e colectivo, de pertença do pedaço ardido a uma entidade maior.

As regras estipuladas por Siza Vieira foram rígidas, demonstrando sempre preocupação em estabelecerem-se princípios para o processo de reconstrução. Para garantir a sua aplicação foi inclusivamente criado, em Novembro de 1990, o Gabinete de Recuperação do Chiado.

Na intervenção, o arquitecto introduz raros e imperceptíveis sinais da sua acção e nem por isso o projecto global deixa de evidenciar fortes sinais de uma outra, nova, modernidade. Prolongando-se um método com cerca de 2 séculos, a mudança dos modos de vida, dos sistemas técnicos e da história estão presentes em determinadas acções da intervenção. A criação de percursos pedonais geradores de uma nova vivência no interior dos quarteirões foi, por exemplo, uma atitude inovadora e qualificadora do espaço, que não entrou em conflito com a procura de continuidade explícita nas tipologias exteriores (fachadas), que foram entendidas como um prolongamento do traçado pombalino onde não era possível gerar descontinuidades.

Assim, o que há de novo nesta operação de recuperação não se referia propriamente à arquitectura, mas sim a certas relações com a zona envolvente. Há uma preocupação em reabilitar uma lógica e um sistema anterior, adaptando-o às novas vivências.

Todos os elementos foram estudados e desenvolvidos até ao mais pequeno pormenor:

- Desenho rigoroso das fachadas: estas já não são reconstruídas em alvenaria de pedra com gaiola de madeira mas em alvenaria de tijolo apoiadas em lajes de betão e à volta das janelas usou-se a placagem de pedra imitando as molduras pombalinas em pedra maciça.

- Recuperação de antigas passagens com a finalidade de permitir atravessamentos públicos, criando espaços de estar, outros circuitos e possibilitando, desta forma, uma utilização mais intensa. Para isso muitas vezes teve de reduzir-se a espessura dos edifícios com a elaboração de novas fachadas posteriores.



Imagens recentes do Chiado

"Realmente encontrei os motivos de projecto e um certo conceito de restauro, que estava, à partida, na minha perspectiva. Uma coisa que tem um sistema de medidas e de proporções absolutamente perfeitas e que é uma máquina equilibradíssima. Muda-se meio centímetro na secção de uma janela e a expressão do edifício cai completamente. Esse tipo de trabalho exige muita paciência. Mas modestia, não. Não há modestia nenhuma! É ambicioso. E é muito difícil: as caixilharias ou a arquitectura, em geral a pombalina, são aparentemente desenhadas; os alçados e tudo o resto são aparentemente todos iguais; porque se sabe que é tudo pré-fabricado. Mas na situação actual, com valores

pré-acrescidos e com maior complexidade, já nada é de acordo com essas fórmulas. Exagerando um pouco pode dizer-se que não há duas janelas iguais, embora na Baixa a gente olhe e as janelas pareçam todas iguais. E havia a dificuldade da topografia da zona. De maneira que, aí, há um grande trabalho, julgo que imperceptível, oxalá que sim. Porque o trabalho da arquitectura não é para se ver, cansando os cidadãos." (Álvaro Siza)

Parece-me que o exemplo desenvolvido no Chiado reflecte bem que ... "a arquitectura tanto pode pedir uma expressão muito forte e eventualmente heróica, como pode pedir exactamente o contrário. Há muito da arquitectura que não vem do arquitecto, vem do que ela significa na cidade, do protagonismo que tem por detrás, da força transformadora. E se não há essa força transformadora resultam caricaturas de arquitectura." (Alvaro Siza)



## 7. A INTERVENÇÃO EM ÁREAS HISTÓRICAS

### A cidade

No contexto do tema em análise, há um conceito importante a ter em conta que é o conceito de Memória Colectiva, como define Aldo Rossi:

"A cidade é a memória colectiva dos povos e como a memória está ligada a feitos e lugares, a cidade é o "locus" da memória colectiva. (...) O valor da história como memória colectiva, entendida como relação da colectividade com o lugar e com a ideia deste, ajuda a entender o significado da estrutura urbana, da sua individualidade, da arquitectura da cidade que é esta individualidade"<sup>1</sup>

Se observarmos a cidade como organismo vivo que tem por fim a si mesmo, isto é, desenvolve-se uma determinada ideia de cidade que por sua vez reoriginará a cidade e assim sucessivamente, a união entre o passado e o futuro estará nessa ideia que temos da cidade, e assim, qualquer intervenção deve sempre formar a realidade mas também ganhar forma nela.<sup>2</sup> É na relação entre os seus elementos e na sua linguagem específica, fundamentada numa cultura própria, que reside esta continuidade de valores (que nada tem a ver com reprodução de formas passadas, pois isso seria um acto isento de qualquer conteúdo para além de simples "pastiche").

O significado do feito urbano vai ligado ao seu sentido, ao seu posicionamento face a estrutura urbana. Esta qualidade dos feitos urbanos, ligada ao seu carácter singular e único, confere-lhes uma qualidade artística que forma o significado colectivo.<sup>3</sup>

Para além dos feitos urbanos e das suas implicações como objectos constituintes (constância estrutural e cultural) da estrutura urbana, esta é caracterizada também por um conjunto de sistemas directamente ligados aos sentidos humanos:

- Sistema de orientação
- Sistema visual
- Sistema tátil (ventos, correntes de ar, calor, sol, frio...)

<sup>1</sup> ROSSI, Aldo, "La arquitectura de la ciudad"

<sup>2</sup> Fundamentado em GOITIA, Fernando Chueca, "História do urbanismo"

<sup>3</sup> Fundamentado em ROSSI, Aldo, "Scritti scelte sull'architettura e la città"

#### - Sistema olfativo

Cada um destes sistemas contém características formais próprias que se mantêm.<sup>4</sup> A evolução da cidade é um facto natural e para que seja sólida e estável tem de surgir equilibrada em todo o território abrangido. Por conseguinte, a evolução das suas áreas históricas torna-se absolutamente necessária e fundamental para se alcançar esse equilíbrio. A questão reside em estabelecer um controlo programado das transformações, necessárias para a sua evolução e integração.

As formas encontram-se ligadas a comportamentos, à apropriação e utilização do espaço individualmente e em comunidade. "A inserção das formas em tecidos urbanos, principalmente nos mais sensíveis e consolidados como são as áreas históricas, tem de ser resultado de uma atitude cuidadosamente estudada, resultante de um conhecimento profundo da cidade antiga e a cidade moderna, as suas morfologias e processos de formação, já que estas influenciarão de forma diferente a vida social, o comportamento e o bem estar dos cidadãos."<sup>5</sup>

Hoje em dia, as cidades tornam-se conhecidas pelo que as diferencia, a sua tão falada "urbanidade". O desafio está em conciliar as suas áreas históricas com o desenvolvimento, para que estas não sejam um obstáculo à modernização, mas antes surjam como conjuntos edificados específicos e particulares, com capacidade para marcar essa diferença necessária à imposição da cidade no panorama global.

"As áreas históricas são elementos persistentes, que nos permitem remontar na história e reconstruir a formação da cidade. A análise histórica revela a existência de elementos em continua transformação e elementos que não se modificam totalmente e persistem. Estes últimos são principalmente os monumentos, os traçados das vias e a estrutura fundiária que, pela sua carga cultural significativa e valor histórico, devem ser devidamente estudados e analisados antes de qualquer intervenção, no sentido de preservar a memória colectiva"<sup>6</sup> (de que já se falou anteriormente). Estas razões permitem-nos verificar que as transformações produzidas em áreas históricas têm campos mais profundos que muitas vezes são ingenuamente negligenciados.

<sup>4</sup> Fundamentado em LAMAS, José M. Ressano Garcia, "Morfologia urbana e desenho da cidade"

<sup>5</sup> LAMAS, José M. Ressano Garcia, "Morfologia urbana e desenho da cidade"

<sup>6</sup> ROSSI, Aldo, "Scritti scelte sull'architettura e la città"

## A arquitectura – intervenção arquitectónica

Depois desta pequena abordagem à cidade e ao feito arquitectónico como elemento sujeito a uma teia de relações, em que concluímos que este seria entendido como uma realidade mais complexa dentro da estrutura particular que é a cidade, poderemos iniciar esta pequena exposição exactamente pela constatação de que, sendo o feito arquitectónico o ultimo dado verificável desta estrutura, assume um papel fundamental na sua constituição e representa um elemento concreto, preciso e com sérias responsabilidades na formação da imagem global.

Nesta mesma perspectiva e em continuidade com o que foi dito até aqui, o feito arquitectónico pode ser ou não um feito urbano, conforme se insira ou não nesta interrelação de simultaneidade entre elemento condicionado e elemento condicionante.<sup>7</sup> O feito urbano contém em si não só a relação que temos (como criadores) com a colectividade (o objecto representa uma leitura individual e pessoal do meio em que se insere), mas também a memória de cada um já que ele é também produto da colectividade.

“ A realidade indiscutível da referência cultural ao passado é a que por um lado reforça o interesse das posturas vanguardistas como inovadoras e, por outro lado, delimita qualquer intento de pretender partir do zero, desde a genialidade do individuo escolhido, como autentico messias do melhor futuro, ou como profeta da unica modernidade possivel.” (Muntañola)

Assim, a essência da arquitectura parece identificar-se com a necessidade de um sistema de normas como marco referencial do projecto. A permanência de alguns princípios, alterando-se unicamente o modo como são interpretados pelos arquitectos em distintos momentos históricos.

Normas estas libertas de qualquer academismo e nunca castradoras do acto criativo como alguns, tentatando justificar o seu excessivo protagonismo, não se cansam de afirmar.

O feito arquitectónico como nova interpretação, ou interpretação actual, terá de ser construido, desde a fase conceptual, segundo argumentos empiricos, precisos e objectivos.

<sup>7</sup> ROSSI, Aldo, "Scritti scelte sull'architettura e la città"

A cidade é já de si um ambiente abstracto, para que os feitos arquitectónicos surjam também como elementos abstractos e sem referências, correndo-se o risco da criação de espaços humanamente inabitáveis. Se, por exemplo, falar-mos em colocar um qualquer objecto abstracto na floresta, um monólito por exemplo, o ambiente é suficientemente marcante e concreto para receber esse novo elemento e manter uma leitura forte, com características muito bem definidas. Porém, num ambiente como o que existe nas cidades, o que se pretende é uma arquitectura objectiva, com regras e bases concretas, muito distantes do campo subjectivo (o que não quer dizer que certos objectos não possam resultar abstractos mas com um desmonte possível), de forma a gerarem-se as referências necessárias para a vivência dos seus habitantes.

Tomemos como exemplo uma sala de museu.... uma sala de museu em que ao lado de um Picasso surge um Millet, que por sua vez está ao lado de um Mondrian, que por sua vez está ao lado de um Van Gogh, que por sua vez está ao lado de um Kandinsky, etc, etc, os diferentes sujeitos perdem o seu significado e valor individuais e definitivamente, agrupados não formam uma imagem de conjunto. É o que acontece na cidade. O conjunto tem de transmitir uma determinada leitura e para isso o feito arquitectónico tem de falar a mesma língua que os seus envolventes.

De um modo geral parecemos estar conscientes de que uma intervenção é geralmente sinónimo de transformação, o que certamente ainda não nos apercebemos é que o significado de transformação definitivamente não é sinónimo de alienação!

"A clareza e a consistência da arquitectura dependem do seu compromisso com a complexidade das transformações que cruzam o espaço. A arquitectura só é Arquitectura quando reflecte uma honestidade consigo própria na utilização de determinados elementos, e com o espaço sobre o qual actua."<sup>8</sup>

Estamos a atravessar um periodo artístico de comunicação galopante, sempre à procura de novas imagens e linguagens, que reflecte a actual atitude consumista, que infelizmente só abre caminho para uma perda de identidade, de valores, de cultura, enfim, de autenticidade.

<sup>8</sup> SIZA, Alvaro, "Escritos"

O produto é tão efémero que pode ser comparável, segundo Omar Calabrese, a "um espectador que ao ver televisão muda sistematicamente os canais, de uma maneira ingénuo, com o objectivo de encontrar um programa mais significativo e agradável com o seu modo de pensar".

Tal como Ignási Solá Morales fala destes:

"Experiências que se produzem pontualmente, diversificadamente, com a máxima heterogénidade e portanto a nossa aproximação ao estético produz-se de uma forma débil, fragmentária e periférica."

O objecto arquitectónico não pode ser limitado pela noção da autonomia correndo o risco de resultar aculturado, sem inserção definida e ausente de sentido. Não deve negligenciar nem alhear-se do contexto em que se insere. O estilo emerge do local, nunca se poderá impor um estilo a pretexto de ser um estilo global. É fundamental a mediação entre o local e o global.

O contexto ajuda à inovação e nunca deve ser visto como um estorvo nem um motivo de cópia. O edificio deve ser tanto um edificio adequado independente, como um edificio adequado para o espaço único em que é construído, chamamos-lhe Qualidade Poética, ou seja a sua capacidade de produzir inovação mediante um cruzamento correcto entre conceito e imagem.<sup>9</sup>

A arquitectura tem de se defender a si mesma, para isso é indispensável uma dialéctica entre o novo e o velho. É necessário um compromisso entre modernidade e tradição. Construir à imagem do passado ou reconstruir cenários estáticos no tempo não se pode considerar quando se pretende desenvolvimento. A relação entre contexto/pré-projecto e pós-projecto/contexto tem de ser activa, de outro modo corre-se o risco de um anacronismo histórico e cultural.

A metodologia de intervenção nas áreas históricas é ainda uma matéria acantonada entre um modo de reabilitar demasiado académico, e por outro uma modernidade demasiadamente orgulhosa de si mesma para produzir contextos habitáveis dialogantes com os existentes.

<sup>9</sup> Fundamentado em MUNTAÑOLA, Josep, "Arquitectura española de los años 80 – En busca de la modernidad perdida"

"A debilidade existe porque muitas vezes a arquitectura actual não consegue rasgar novos caminhos e porque não tem capacidade para compreender os sinais do futuro, porque não consegue relacionar-se com a natureza nem humanizar estes espaços."<sup>10</sup>

Arquitectura como... "criação cuidadosa de espaços" (Louis Kahn)

Entendo o feito arquitectónico com todas as suas implicações, complexas demais para serem tratadas despreocupadamente e descuidadamente. Como tal, deve ser resultado de uma meditação sobre o contexto de que faz parte, reconhecendo os problemas com que se depara, fazendo uma leitura da cidade e dos feitos arquitectónicos existentes, com apropriação das características fundamentais para a "reconstrução" da cidade, e finalmente, discursando sobre a forma da arquitectura e do mundo físico em que esta se posiciona. Uma síntese entre imagem e conceito por um lado, e a interpenetração entre tradição e modernidade, velho e novo, na concepção da cidade e do território pelo outro.

Então, não se distinguindo um antes e um depois no acto de pensar e projectar a arquitectura, questões como:

-O que pensamos nós da arquitectura?

-Em que critérios se deve inspirar o projecto de arquitectura e quais as suas relações com a história da arquitectura?

estarão, ou deveriam estar, sempre presentes na nossa consciência de arquitectos no sentido de encontrar um posicionamento individual (e logo colectivo) acerca da chamada "atitude de projecto" perante estas realidades existentes.

### A intervenção em áreas históricas

Depois de ter abordado uma série de conceitos e exemplos que me pareceram indispensáveis para a consciencialização da importância e sensibilidade deste problema, chego à recta final desta abordagem onde, encaixando todas as partes do puzzle que até agora foram sendo encontradas, procurarei abordar a questão das intervenções em tecidos urbanos históricos.

As áreas históricas, como elos da cadeia que é a cidade, devem ser entendidas como elementos propulsivos, complexos, com implicações de ordem social,

<sup>10</sup> SIZA, Alvaro, "Escritos"

económica e cultural, e têm de possuir um uso integrado, vivo e evolutivo com o todo em que se inserem. Não se poderá considerá-las como uma realidade autónoma em relação a um quadro urbano e à dialética da cidade, visto que são parte material e concreta de um processo evolutivo que foi modificado de uma forma continua.<sup>11</sup>

A problemática das intervenções em áreas históricas é de uma grande complexidade, tanto do ponto de vista cultural como do ponto de vista técnico. Neste tipo de intervenções deve evitar-se cair em considerações ambientais que possam imobilizar estas áreas numa visão estática, não se podendo cair no ridículo que é a confusão com um gosto naif pelo pitoresco, muitas vezes sinónimo de uma degradação e desqualificação que em nada contribuem para um desenvolvimento da cidade (ex: Mouraria ou Alfama).

Impõe-se uma política activa no sentido de inserir estas áreas na vida contemporânea, entendendo-as como espaços vivos, em desenvolvimento e como contextos propícios para a acção humana, sem no entanto, perderem a sua identidade cultural e patrimonial. São necessárias medidas urbanísticas, administrativas, económicas, sociais e culturais, e só se obterão resultados positivos se estas medidas forem articuladas entre si (foi uma constatação que pude observar com o trabalho desenvolvido sobre o Casco Antigo).

Esta é uma consideração de grande importância na altura de intervir, todas as variáveis em jogo têm de ser estudadas e analisadas. A intervenção terá de resultar de uma atitude actual pensada a longo prazo, mas simultaneamente condicionada por todos os factores discernidos da análise. Devem delimitar-se partes a conservar, e outras a eliminar ligadas a um esquema geral de transformação, por forma a que estas áreas possam recuperar a sustentabilidade e qualidade urbana. Assim, a intervenção deve contemplar dois aspectos: a população e o espaço físico. Pressupõe que se promova a qualidade ambiental e simultaneamente se proporcionem melhores condições de vida aos habitantes, sem prejuízo da especificidade cultural que caracteriza estas áreas. Devem ser aplicadas medidas integradas de correcção, reabilitação, renovação e preservação. Estas medidas devem incluir modificações da estrutura do espaço físico, quando isso se justifique (alteração do sentido das vias, arranjos exteriores, demolições...)

<sup>11</sup> ROSSI, Aldo, "Scritti scelte sull'architettura e la città"

Para isso é muito importante um conhecimento dos feitos urbanos que se foram conformando ao longo da história, o seu processo de formação, a seu percurso e o seu valor permanente durante o decorrer desse percurso, como por exemplo, no caso da cidade de Barcelona, a persistencia do traçado romano, os monumentos históricos (Santa Maria Del Mar, Convent Del Àngels...), a estrutura tipológica dos palácios góticos ou a tipologia das edificações.

O valor de um edifício ou monumento de interesse histórico, em principio não impede quer a sua conservação, quer a transformação de uma parte ou de alteração do seu uso, como forma de resolver necessidades reais. De igual modo, uma área histórica da cidade, construída ao longo do tempo com base num processo evolutivo, feita de estratificações, de adições sucessivas e de destruições, admite intervenções de complemento, de adaptação, de transformação e até de reposição, devendo ter-se sempre presente uma questão fundamental que é a da modificação que necessariamente se efectua com cada intervenção.

Cada arquitecto terá de estar consciente que trabalha sobre um território existente, carregado de significado, interligando o conhecimento da cidade à produção arquitectónica. Há que procurar no território os elementos geradores do projecto, os que devem ser mantidos e prolongados e os que devem ser eliminados, observando todas as variáveis implícitas – de carácter económico, social, estético, arquitectónico, urbanístico, administrativo, funcional, poético, técnico, simbólico..... organizando-as de forma a resolver os problemas específicos através de soluções que testemunhem silenciosamente os sinais do tempo em que são efectuadas. As políticas de intervenção em áreas históricas não passam por grandes gestos exercidos sobre o território.

Há que consciencializar esta multiplicidade de factores em torno de cada problema concreto. Terá de se estabelecer uma relação dialéctica entre a nova intervenção e o conjunto edificado existente, a articulação dos elementos convencionais segundo uma síntese.

Só um conhecimento profundo do território com que se está a lidar permite estruturar as permissas em que se vão basear as intervenções nestas áreas tão degradadas, estas fundamentar-se-ão, precisamente, do entendimento e

compreensão da dialética já existente entre degradação e persistência de certos feitos emergentes.

Quando se fala de estudos de impacto arquitectónico é imediata a associação a questões ecológicas e sociais. A questão da forma arquitectónica e do seu impacto na paisagem urbana - acessos, vistas... - é sempre, ou quase sempre, uma questão que fica esquecida ou posta de parte.

Por exemplo, alguns aspectos fundamentais, que na maior parte das vezes se revelam negligenciados devido a questões exclusivamente especulativas, são a abertura indiscriminada de vias ao tráfego automóvel (quer sejam elas antigas vias pedonais, quer novas vias rasgadas no território com a necessária demolição do património edificado), a sobrecarga viária em áreas não preparadas para tal, o desaparecimento de determinados percursos e o desproporcionado número de pisos das novas construções. São aspectos constataados no trabalho efectuado. Destroem a paisagem urbana, destroem a vida social ao ar livre (infelizmente, talvez por isso, parecemos cada vez mais estar a voltar-nos para o "fantástico" mundo dos centros comerciais), diminuem a luz, o ar e as vistas e, em muitas situações promovem a criminalidade.

Desde o início, qualquer decisão vai comprometer a forma final.

A qualidade arquitectónica dos edifícios não pode por si só dar forma ao meio urbano (como vimos no exemplo do MACBA, já referido). Os edifícios serão, nesse caso, peças isoladas e deslocadas do seu contexto espacial. "A arquitectura forma-se com toda a sua história e é só através deste processo de formação que se insere de forma positiva quer no mundo construído quer no ambiente natural. É válida quando através da própria originalidade estabelece uma relação dialética e portanto dá forma a uma situação. Por isso, em cada intervenção, a relação com o contexto não pode ser nem de camuflamento nem de imitação."<sup>12</sup>

Questões de base, como a escala, a proporção, a composição e organização gerais, a correspondência das partes com o todo, a efemeridade/permanência dos elementos arquitectónicos e os pormenores, têm de estar presentes e associadas a outras questões, tais como o dar resposta ao modo de vida actual, as possibilidades e capacidades técnicas de hoje, os materiais e o modo de os aplicar e, a diferença entre o ontem e o hoje, em paralelo com a continuidade de certos

<sup>12</sup> ROSSI, Aldo, "Scritti scelte sull'architettura e la città"

valores.

Uma intervenção numa área histórica deve sempre ter presente que já existe uma determinada articulação entre estes elementos e que é necessário falar-se a mesma língua, embora com um discurso mais moderno, mais actual. Uma relação entre as teorias mais antigas e as mais modernas (por exemplo a relação entre tráfego pedonal e automóvel, ou entre espaço público e espaço privado). Neste sentido o estilo emergirá do local e nunca se poderá impor a pretexto de ser global ou de ser, como acontece muito hoje em dia, característico do arquitecto. Deve existir um controlo no sentido de se "prever" o resultado final do ponto de vista da realidade urbana.

Uma intervenção arquitectónica tem de integrar-se no contexto de forma actual, até porque, como já foi referido, um edifício sem contexto cultural envelhece mal, e geralmente contribui para um envelhecimento e uma deformação anormal da área em que se insere.

Em todas as intervenções é indispensável uma operação que defina as relações e interligue os elementos construídos e as diferentes arquitecturas.

Os arquitectos devem conhecer a cidade como parte teórica da sua arquitectura e, simultaneamente, verificar os seus pressupostos teóricos com a situação sobre a qual operam. Mais atrás neste trabalho, referi a importância de um auto-questionamento acerca de determinados conceitos e pressupostos. Parece-me que um arquitecto deve representar a relação com o contexto com uma expressão própria, através de uma técnica individual. É uma tarefa que requer bastante precisão e que, definitivamente, implica uma opinião bem definida acerca das matérias da arquitectura e um posicionamento real, activo e participativo nas diferentes dimensões espaciais (à escala do edifício, à escala da rua, à escala do bairro e à escala da cidade).

Neste último aspecto, da linguagem arquitectónica, poderemos estabelecer uma comparação com a linguagem literária, onde existe um texto e existem palavras que o constituem, devendo estas articular-se e posicionar-se com o objectivo de formar frases e ideias. Na linguagem arquitectónica às palavras correspondem elementos próprios da arquitectura da cidade (os pavimentos, os edifícios, os quarteirões, os lotes, as fachadas, os logradouros, os traçados de ruas, as praças, os monumentos, a vegetação)

Afinal em que direcção caminhamos? Para uma melhoria da qualidade de vida ou para um cada vez maior esquecimento do significado de qualidade de vida?

Estou consciente que muitas das questões e muitos dos conceitos que foram sendo abordados, são aspectos muito básicos e simples da prática arquitectónica. Infeliz ou felizmente estou também consciente que apesar disso, na maior parte das vezes durante a vida académica e mesmo profissional nos esquecemos deles, talvez pela sua obviedade e simplicidade, e actuamos de forma naif e descuidada sobre o território. São questões que aprendi a olhar com mais atenção, por influência da metodologia desenvolvida nos trabalhos efectuados durante o estágio. Uma certeza com que fiquei, é da necessidade de um posicionamento individual acerca de todas estas matérias, a necessidade de um "timing" preciso de intervenção e uma consciencialização de que por mais pequeno ou mais banal que seja o aspecto em questão, não deverá nunca ser negligenciado.

## 2. CONCLUSÃO

---

Chegada ao fim deste estágio pareceu-me importante fazer um balanço do mesmo e aferir o que foi acrescentado à minha formação académica / profissional.

Em primeiro lugar, foi muito gratificante a oportunidade de participar em distintos trabalhos. Foram várias as áreas de intervenção em que participei, desde a recuperação (mencionada no ponto 3 do capítulo II), até à análise urbana (ponto 5 do capítulo II), passando pela arquitectura de raiz (no trabalho de concurso, descrito no ponto 4 do capítulo II). Pude não só sedimentar, como adquirir novos e diferentes conhecimentos que me poderão encaminhar para diferentes vertentes da profissão de arquitecto. A arquitectura tem muitos campos de acção e esta experiência abriu-me alguns horizontes acerca de possíveis opções dentro destes. Este é ainda o primeiro período de um estágio, e neste sentido foi um período produtivo.

Em segundo lugar, foi muito importante a existência do estágio como complemento da parte lectiva do curso, transmitindo-me uma diversidade de conhecimentos que não se atingem a um nível puramente académico.

Por um lado, houve um contacto com níveis e diferentes metodologias de trabalho, distintas das praticadas na faculdade. Estas metodologias dependem do tipo de trabalho que nos propomos fazer, o projecto de um concurso obriga-nos a uma atitude rápida, pragmática e eficiente, enquanto que um trabalho de análise urbana obriga antes a uma atitude de abordagem exaustiva, morosa e de progressivo amadurecimento. A tarefa contida num e o tempo exigido no outro não são praticáveis tanto no "mundo real".

Por outro lado, o estágio revelou-me a importância da última fase do processo de produção arquitectónica - a obra. Só seguindo atentamente todas as fases de uma obra (ponto 3, capítulo II) me **CAPITULO III** ver que esta não se reduz simplesmente à materialização do projecto, mas que constitui uma fase absolutamente autónoma em todo o processo, com situações novas,

## 8. CONCLUSÃO

---

Chegada ao fim deste estágio pareceu-me importante fazer um balanço do mesmo e aferir o que foi acrescentado à minha formação académica /profissional.

Em primeiro lugar, foi muito gratificante a oportunidade de participar em distintos trabalhos. Foram várias as áreas de intervenção em que participei, desde a recuperação (mencionada no ponto 3 do capítulo II), até à análise urbana (ponto 5 do capítulo II), passando pela arquitectura de raiz (no trabalho do concurso, descrito no ponto 4 do capítulo II). Pude não só sedimentar, como adquirir novos e diferentes conhecimentos que me poderão encaminhar para diferentes vertentes da profissão do arquitecto. A arquitectura tem muitos campos de acção e esta experiência abriu-me alguns horizontes acerca de possíveis opções dentro destes. Este é aliás o objectivo primeiro de um estágio, e neste sentido foi um período produtivo.

Em segundo lugar, foi muito importante a existencia do estágio como complemento da parte lectiva do curso, transmitindo-me uma diversidade de conhecimentos que não se alcançam a um nível puramente académico.

Por um lado, houve um contacto com novas e diferentes metodologias de trabalho, distintas das praticadas na faculdade; Estas metodologias dependem do tipo de trabalho que nos propomos fazer, o projecto de um concurso obriga-nos a uma atitude rápida, pragmática e eficiente, enquanto que um trabalho de análise urbana obriga antes a uma atitude de abordagem exaustiva, morosa e de progressivo amadurecimento. A tensão contida num e o tempo exigido no outro não são praticáveis senão no "mundo real".

Por outro lado, o estágio revelou-me a importância da última fase do processo de produção arquitectónica – a obra. Só seguindo atentamente todas as fases de uma obra (ponto 3, capítulo II) me foi possível compreender que esta não se reduz simplesmente à materialização do projecto, mas que constitui uma fase absolutamente autónoma em todo o processo, com situações novas,

problemas e soluções próprios. Foi aqui onde senti o maior "salto" entre o mundo académico e o mundo "real".

No final fica uma série de novos conhecimentos e métodos de trabalho que se resumem numa visão mais real e amadurecida perante a profissão do arquitecto.

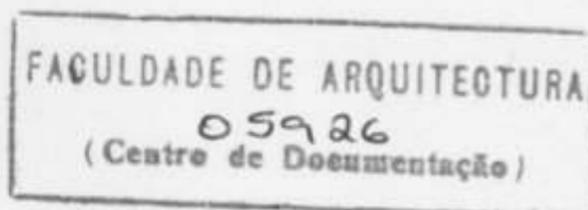
- ALEXANDER, Christopher, in ed. "A New Language/Un Language de Patrons - Clusters, Edifices, Constructions", Colección Arquitectural/Perspectives, Barcelona, G.G. Editor, 1993.
- BALFOUR, Alan, "Walter Crane-Darwin", Barica Editor Maggie Toys, Academy Editions, 1985.
- BALFOUR, Alan, "Darwin, The Politics of Order 1737 - 1989", Rizzoli International Publications, 1990.
- CARULLA, Magda Serra I, "Pobles Catalans/Catalan Villages", Barcelona, Universitat Politècnica de Catalunya, 1997.
- CASTANHEIRA, Carlos e MENDES, Lúcia, "Anem Size-The Reconstruction of the Chiado", ICEP Investimentos Comércio e Turismo de Portugal, 1997.
- CHOUDIER, Gerant, "Les Formes Du Paysage-Archéologie Des Parcelles"- Tome 2, Actes Du Colloque D'Orléans (Mars 1990), Editions Errance.
- COLQUHOUN, Alan, "Form and Figure", Oppositions nº12, New York, 1978.
- COLUCCI, João, "Urbanidade e Património", IGAPHE Instituto de Gestão e Aproveitamento do Património Histórico do Estado, 1998.
- EVENSON, Norma, "Paris - Les Herbiers D'Hausmann - Cinq Ans de Travaux et D'Urbanisme 1878-1978", Ecole Nationale Supérieure Des Beaux Arts Et Presses Universitaires De Grenoble, 1983.
- FERNANDES, José Manuel e MARQUES, Carlos Alberto, "De Rua do Carmo a Lisboa", Arquitectura Portuguesa nº7, Lisboa.
- GÖTTA, Fernando Chaves, "Bairro Histórico do Urbanismo", Editorial Presença, Lisboa 1992.

## BIBLIOGRAFIA

---

- ALEXANDER, Christopher, et al, "A Pattern Language/Un Lenguaje de Patrones - Ciudades, Edificios, Construcciones", Coleccion Arquitectura/Perspectivas, Barcelona, G.G Editor, 1980.
- BALFOUR, Alan, "World Cities-Berlin", Series Editor: Maggie Toys, Academy Editions, 1995.
- BALFOUR, Alan, "Berlin, The Politics of Order 1737 - 1989", Rizzoli International Publications, inc, 1990.
- CARULLA, Magda Saura I, "Pobles Catalans/Catalan Villages", Barcelona, Universitat Politècnica de Catalunya, 1997.
- CASTANHEIRA, Carlos e MENDES, Luis, "Álvaro Siza-The Reconstruction of the Chiado", ICEP Investimentos Comércio e Turismo de Portugal, 1997.
- CHOUQUER, Gerard, "Les Formes Du Paysage-Archeologie Des Parcellaires"- Tome 2, Actes Du Colloque D' Orléans (Mars 1996), Editions Errance.
- COLQUHOUN, Alan, "Form and Figure", Oppositions nº12, New York, 1978.
- COUCEIRO, João, "Urbanidade e Património", IGAPHE Instituto de Gestão e Alienação do Património Habitacional do Estado, 1998.
- EVENSON, Norma, "Paris - Les Heritiers D'Hausman - Cent Ans de Travaux et D'Urbanisme 1878 -1978", Ecole Nationale Superieure Des Beaux Arts Et Presses Universitaires De Grenoble, 1983.
- FERNANDES, José Manuel e MARQUES, Carlos Alberto, "Da Rua do Carmo a Lisboa", Arquitectura Portuguesa nº4, Lisboa.
- GOITIA, Fernando Chueca, "Breve História do Urbanismo", Editorial Presença, Lisboa 1992

- "Territorio y Arquitectura - Barcelona", International Review of Architecture and*
- LAMAS, José M. Ressano Garcia, "Morfología Urbana e Desenho da Cidade", Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica, 1992. *- A Visual Geography, Barcelona, Col·legi d'Arquitectes de Catalunya, Desembre 1988.*
  - MUNTAÑOLA, Josep, "Arquitectura Española de los Años 80-En Busca de la Modernidad Perdida" - Documentos de Arquitectura -12, Colegio de Arquitectos en Almeria.
  - "Quaderns - Tècnica i Teoria" - nº 106, Barcelona, Col·legi d'Arquitectes de Catalunya, Desembre 1988.*
  - MUNTAÑOLA, Josep, "La Arquitectura como Lugar" – Quaderns D'Arquitectes 13, Barcelona, Edicions UPC (Universitat Politècnica De Catalunya).
  - "Quaderns" - nº 175, Barcelona, Col·legi d'Arquitectes de Catalunya, Desembre 1987.*
  - MUNTAÑOLA, Josep, "Topogénesis Tres-Ensayo Sobre la Significación en Arquitectura", Barcelona, Ed. Oikos Tau, 1980.
  - MURO, Carles, e all, "Álvaro Siza. Escrits", Aula d'Arquitectura, Barcelona, Edicions UPC, 1994.
  - Jornal dos Arquitectos - nº 152, Lisboa, Maio 1988.*
  - PIÑÓN, Helio, "Arquitectura de las Neovanguardias", Barcelona, Gustavo Gili, S.A., 1984. *Arquitettura e Territorio nº 21, Lisboa, Edições Afrontamento, Março de 1988.*
  - ROSSI, Aldo, "Scritti Scelti Sull'Arquitectura e la Città - 1956-1972", Clup-Milano, 1988.
  - ROSSI, Aldo, "La Arquitectura de la Ciudad", Coleccion Arquitectura y Critica, Barcelona, G.G, 1971.
  - "Arquitectos.134 - Barcelona" - nº 94/3, Barcelona, Consejo Superior de los Colegios de Arquitectos de España.
  - "Cerdà – Ciudad y Territorio", Fundació Catalana per la Recerca, Electa 1994.
  - "Internationale Bauausstellung Berlin 1987, Project Report", Felgentreff & Goebel (GmbH), 1991.



- "Techniques & Architecture – Barcelona", International Review of Architecture and Design - nº 426, Jun/Jul 96.
- "Quaderns: Barcelona I – A Virtual Geography", Barcelona, Col.legi d'Arquitectes de Catalunya, Dezembro 1990.
- "Quaderns – Dilations" - nº203, Barcelona, Col.legi d'Arquitectes de Catalunya.
- "Quaderns – Tallers Workshop" - nº 198, Barcelona, Col.legi d'Arquitectes de Catalunya.
- "Quaderns" - nº176, Barcelona, Col.legi d'Arquitectes de Catalunya.
- Jornal dos arquitectos - nº 114-115, Lisboa, Ago/set 1992.
- Jornal dos Arquitectos - nº 134, Lisboa, Abril 1994.
- Jornal dos Arquitectos - nº 159, Lisboa, Maio 1996.
- Sociedade e Território nº21, Lisboa, Edições Afrontamento, Março de 1995.
- Sociedade e Território nº22, Lisboa, Edições Afrontamento, Setembro de 1995.

INFORME SOBRE LA COLABORACION DE LA ESTUDIANTE DE LA ESCUELA DE ARQUITECTURA DE LISBOA CRISTINA M.P. SERRA DE OLIVEIRA ESTEVES

La estudiante ha colaborado con este estudio de arquitectura en diversas tareas de proyecto, investigación y gestión. En particular ha participado en un concurso para el Club Náutico de la Costa Brava catalana, en la confección del primer plano de la planta baja de Barcelona a escala 1:1000 que incluye tanto el ámbito urbano y el análisis de la historia como de las condiciones físicas y sociales como base de la posterior programación de intervenciones de rehabilitación e integración en edificios existentes de Barcelona.

Con estos trabajos la estudiante ha demostrado ampliamente su capacidad como arquitecta para colaborar eficazmente en un proyecto de nivel a nivel de proyecto, como es el caso de este estudio, sobre todo por una actitud optimista y una gran capacidad de análisis y síntesis. En el desarrollo de este estudio se ha trabajado a un nivel de síntesis de sistemas de intervención que son las dimensiones de la arquitectura, tanto a nivel urbano como a nivel de proyecto.

La síntesis entre la historia, la historia urbana y la construcción, que es lo que se ha hecho en este estudio, no es nunca una cosa fácil ni obvia, por lo que el trabajo de Cristina es especialmente meritoria.

En conclusión, se puede afirmar ampliamente su capacidad práctica en relación con las actividades prácticas de la profesión de arquitecta.

Cristina Maria Pereira Serra de Oliveira Esteves

curso de Arquitectura, 1998

## ESTUDI D'ARQUITECTURA

Josep Muntañola Thornberg,  
Magda Saura Carulla,  
N.I.F. 37200472 L.

Magda Saura Carulla  
Universitat Politècnica de Catalunya  
Escola T.S. d'Arquitectura  
Bruc, 65  
08009 Barcelona  
Spain

### INFORME SOBRE LA COLABORACION DE LA ESTUDIANTE DE LA ESCUELA DE ARQUITECTURA DE LISBOA CRISTINA M.P. SERRA DE OLIVERIRA ESTEVES

La estudiante ha colaborado con este estudio de arquitectura en diversos trabajos de proyecto, investigación y gestión. Más específicamente ha participado en un concurso para Club Náutico en la Costa Brava catalana, en la confección del primer plano de la planta baja de Barcelona a escala 1:1000 que existe hasta el momento y en el análisis de la historia urbana de varias localidades medievales como base de la posterior proyectación. Además ha supervisado obras de rehabilitación e interiorismo en diferentes edificios de Barcelona.

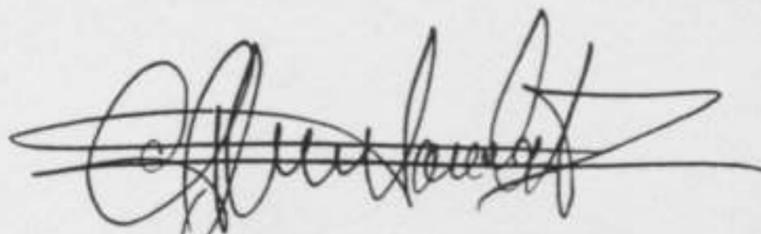
Con estos trabajos la estudiante ha demostrado ampliamente su capacidad como arquitecta para colaborar eficazmente en un despacho de arquitectura, tanto a nivel de proyecto, como de obra y dirección, destacando, sobre todo, por una actitud optimista y una gran rapidez en la toma de decisiones y en la propuesta de soluciones a cualquier nivel abstracto o concreto. Son justamente estas dimensiones de síntesis rápida y de adaptación a nuevos problemas que son las dimensiones esenciales en el caso de la arquitectura, tanto a nivel teórico como a nivel práctico.

La síntesis entre el diseño, la historia urbana y la construcción, que es de hecho la arquitectura, no es nunca una cosa fácil ni obvia, por lo que la capacidad de Cristina es especialmente meritoria.

En conclusión, creo que ha demostrado ampliamente su capacidad práctica en relación a las distintas facetas de la profesión de arquitecto.

Sinceramente,

Barcelona, 1998.



Josep Muntañola Thornberg

Magda Saura i Carulla  
Universitat Politècnica de Catalunya  
Escola. T.S. d'Arquitectura  
Ph.D. University of California, Berkeley.

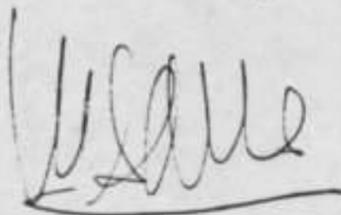
Bruc, 65  
08009 Barcelona  
Spain

To whom it may concern:

I was very glad that Cirstina has helped me at the university since April 1998 to conduct research on environmental impact studies, architectural and urban design. At an architectural practice level, I will like to let you know that she is also capable to organize very efficiently the tasks of an architectural office. She has participated in my own private office in several design competitions related to landscape design of a park and recreational area. I highly recommend her work.

Sincerely yours,

Professor Magda Saura i Carulla



1998

Re: Cristina Maria Pereira Serra De Oliveira Esteves  
Av. Estados Unidos da América, nº 14 - 1º - Dto.  
1700 Lisboa Portugal  
Tel: 07.351.1.8499886

